





Nina



# 1

Não, desta vez não tenho receio do papel em branco. Regresso para mais uma história, ainda que as anteriores não sejam demasiado conhecidas. É uma forma de falar comigo mesmo, de não fechar um diálogo imaginativo que representa de algum modo uma luta pela sanidade, Depois de muitos tropeções, eu continuava, passo após passo, na mente e na rua, não sabia bem o que queria, estava um pouco magoado, mas mesmo ferido, continuava, com o corpo além, a mente muito à frente de mim mesmo. Cansado de mim mesmo, estava também cansado do mundo. A minha prosa não conhecia o fulgor de outros tempos, mas eu projectava o meu espírito muito além de mim mesmo e da *vox populi*. O meu corpo estava em Lisboa, mas o meu coração pairava, distribuía-se por diversos locais da memória e estava sobretudo com a minha mãe. A cidade parecia fantasma. Os seus habitantes não existiam, a meus olhos, só eu existia e mesmo assim talvez não fosse verdade. Elói procurava fazer sentido nas comunicações do metro, nas meias verdades da aparência dos outros, nos rasgados sentidos instantâneos de um forma completa de pensar, cuja conclusão era, invariavelmente, a ideia de que temos de nos conformar, de algum modo, regressar a casa e prosseguir com os mesmos hábitos. Assim, só a longevidade importa, um dia após outro completo, mesmo que não haja vontade de viver, mesmo que a arte não desperte sequer nenhum mínimo interesse. Havia nele um sentido na diferença entre a efetividade prática das coisas, da vida, do quotidiano e um sentido estético, contemplativo, imemorial, da vida. Parecia não se conseguir decidir entre um e outro modo de relação com a realidade. Ainda assim, procurava uma nova vida na cidade, entre plumas e lantejoulas, entre sapatos e vestidos de bailarina. Porque sobrevivo? Sempre ativo, alegre, bem-disposto? Porque no fundo sou um tipo humilde, não entro em grandes parangonas sentimentais ou intelectuais porque sei que isso no fundo resulta da carência afetiva, da falta de contacto com o outro. É estranho pensar assim? Não creio, estou tão certo de que isto é verdade que acabo os dias sozinho, em casa, aqui escrevendo estas coisas, para além daquelas que escrevo à mão no meu Bloco Azul. Muitos foram a Nova Iorque. Eu não vejo nisso

nada de especial, quem sabe tinham dinheiro ou tinham uma ideia em mente, o que eu acho bastante interessante. Depois, percebi o que estava contra mim e decerto que não era eu próprio, era uma cidade que me impedia de ser feliz, ao fim de tantas humilhações e pouquíssimas alegrias. Claro que a cidade havia mudado e eu também. Mas eu não podia mudar mais, estava farto. Esta teoria foi-se comprovando à medida que vivia o meu dia-a-dia, tenso, incompreendido, sem trabalho nem dinheiro. Pensavam que eu defendia a legalização da prostituição ou qualquer coisa relacionada com o porno. Mas eu nem queria saber, no fundo só queria ter a minha companheira e em certo sentido isso se foi tornando impossível à medida que ia ficando mais conhecido. Sabia que iria haver merda com isto. Muita merda. A noite passou, a minha vida essencialmente não mudara. Tinha fome, de manhã. Outros andavam confortáveis por esta vida, outros haviam já tropeçado, mais e mais, desaparecido. Tive a sensação de que estava a brincar, por um lado, por outro a sensação de que levava as coisas demasiado a sério, que seria masoquista, não sei. Não me importava essencialmente a vida dos outros, a minha mente resvalava constantemente para os fundilhos. Havia quem não se preocupasse com isso. Eram os resolvidos. Mas seriam felizes, em suas conquistas. Na verdade, eu procurava, como diria a Belly, uma amiga dançarina e estava ainda ali, naquele cenário de vozes projetadas umas contra as outras, ora cruzando-se, ora desvanecendo-se. Na verdade, as vozes estavam também na minha cabeça e todo este *set* me parecia demasiado sufocante para a minha pobre alma atormentada. Mas, que podia fazer? Eu não vivia essencialmente para uma imagem social de mim mesmo, procurava ser eu próprio e por vezes conseguia e sentia-me feliz, falava então, como aqui, de mim, sempre de mim, da minha visão do mundo e das coisas pelas minhas lentes, nem sequer me importavam cenários na terceira pessoa, porque, afinal, tinha ou não tinha, reconhecimento social. Quando estava pronto a reformar-me, a alhear-me dessas vozes, reais umas, sem dúvida, outras criadas pela minha mente, eu imergira nesse cenário de críticas, observações e comentários e estava exposto, que podia agora fazer? Na corrida, já não dava tanto, estivera quatro semanas ativo como um doido, pensei que tivesse sido um esforço desnecessário, mas levei essa ideia a bom porto. Depois de duas semanas descansando, voltei à carga, doseando as energias e também, na realidade, estava fumando menos, sensivelmente metade do que costumava fumar antes.

## 2

Não conseguia sair de mim mesmo, no entanto já o tivesse feito, talvez, sem perder a identidade. Tinha posto, como Nietzsche, tudo em causa, ouvido críticas das maiores, mesmo por parte de quem não estava preparado para as fazer, no entanto, as coisas estavam mais ou menos na mesma, continuava deprimido e neurótico, só e mal acompanhado. A pouco e pouco, criava inimigos viscerais, sem ter por minha parte, um alvo específico para meu sentimento de desgosto e insatisfação. Depois, deixei de procurar explicações e comecei a olhar para os outros, conhecia-me demasiado, sabia que tinha bom íntimo, em vez de mau íntimo, comecei a olhar para os outros e vislumbrei uma infinidade de defeitos, não só em relação a mim, mas em si mesmos, sim, os outros eram na sua maioria feios, malcheirosos, plenos de defeitos e não interessavam a ninguém, a coisa estava em termos de rédea solta e pela enésima vez eu não me importava, pois, como lembrara do meu amigo que partira, tudo isto se passava e não me diziam nada, na realidade tudo isto acontecia e nada me diziam, tudo se passava indirectamente, pois. Pensei, assim, que não estava dependente de nada para conseguir fama, nem sequer era esse o objectivo, mas talvez ser feliz, em *dessarai* da tecnicidade desleixada da arte, que nem tão pouco me importava. Sairia dali a pouco e nada impedia que isso acontecesse, sairia uma vez mais, dia após dia, sem que nada me pudesse acontecer e ainda que acontecesse alguma coisa, eu sei que teria amado e sido feliz e isso era ser feliz, isso era o mais importante, porque na realidade, tinha questionado as minhas referências, tinha-as posto fortemente em xeque, mas não as tinha perdido, mesmo que toda a minha situação merecesse comentário e crítica, tinha conseguido algo e continuaria a conseguir, sem parar, sem que nada nem ninguém pudesse fazer alguma coisa e ainda que não conseguisse, tinha sem dúvida conseguido alguma coisa, bastantes coisas. Depois pensei: que raio ando a fazer que não me dá proveito? Sim, com esta genialidade e abundância na escrita e nada acontece, vários livros publicados, poucos vendidos? Será porque não digo o que agrada às pessoas,

aquilo que está no inconsciente colectivo? Serei mau escritor? Talvez, será bem mesmo essa a questão, sem dúvida. Ou há outros interesses não puramente literários em causa, em jogo? Acontecesse o que acontecesse, eu sei que um dia iria ficar célebre, não sei, não podia evitar, estava-me no sangue, todo este trabalho ao longo destes anos, abdicando de mulher e prestígio social e profissional, teria um culminar invulgar, a fama eterna, mesmo que eu só fizesse isso e nada mais, mesmo que não me esforçasse, pois sabia afinal que tinha trabalhado e aperfeiçoado este mister e pensava em português, como também às vezes em francês, espanhol, inglês. O outro dizia, ao fim de tanta terapia (terrapia, diz um amigo meu), ao fim de tanta teoria social e filosofia, "é a vida". Da-se. Fosga-se. Depois, eu sabia que ia dar merda, estas coisas do trabalho e das mulheres dá sempre merda. O meu amigo Danny insiste agora em ligar quando nunca quis saber da nossa amizade. Por outro lado, a New School não diz nada, não vou forçar, terei ainda de traduzir a tese para inglês e para tal precisaria de quatrocentos euros, além do mais, não conheço mulher desde que vim para esta casa e chamam-me todos os nomes, desde tarado a pedófilo, a gay ou bicha, vizinhos a dizerem mal de mim a toda a hora, por cima, por baixo, do lado e atrás, na rua, não há uma palavra de incentivo para comigo, talvez porque as próprias pessoas estejam desalentadas, mas eu para esse peditório também já dei, agora vou ver muita gente a cair e que se aproveitou indevidamente durante anos e eu decerto vou conquistar alguma coisa. Das poucas pessoas que conheço, eu sou uma delas digna de merecimento, sobretudo ser professor de Filosofia na faculdade de Letras ou na FCSH, porque a maioria dos concursos são arranjinhos de circunstância para a família dos apaniguados e conhecidos, não se debate a teoria pela teoria nas universidades portuguesas, isso é mais que certo. Andava eu preocupado com isto tudo quando tive um dia em cheio, um gajo num café quis-me bater porque falei com ele abertamente, cheios de tipas de volta dele, depois a corrida soube-me bem, disse mal de muita gente no metro, onde calhou, no geral, sempre no geral, percebi que há muito tipo que tem dor de cotovelo de mim, no meu bairro e na inteira cidade e isso não tem a ver com gajas, ou terá em certo sentido, mas tem a ver com coisas menos básicas, ou seja, a questão é que eu domino impassivelmente esta cidade, sem recorrer a tarefas desonestas, drogas, subterfúgio, eu domino, o meu corpo e o meu espírito dominam esta cidade, por outras palavras, sinto-me novamente o Rei de Lisboa. E sem que beneficie

de alguma coisa de especial por isso, mesmo que não me sinta obrigado a nada de especial. Sou e pronto. Ponto.



### 3

Concluo que tenho analisado a vida social no contexto em que vivo com bastante parcimónia, profissionalismo e paciência, muita mais do que qualquer sociólogo ou antropólogo, muito mais do que qualquer filósofo da praça. Merecia alguma coisa, um cargo, um professorado. É uma injustiça não ter. Contudo, o saber não se pode aprisionar entre quatro paredes, acredito. Um saber anquilozado, é o que temos. Lamento, mas posso querer e lutar até ao ponto de não precisarem de mim, de estar muito acima disto tudo e querer viver a minha vida normalmente, enquanto simples escritor, ainda que possa fazer uma festinha na testa a muito boa gente. Esta gente tem uma ideia errada da antropologia, pensam que é uma brincadeira, um lazer, o mesmo da filosofia, que é invenção, fantasia, imaginação. Eu não acredito nisso, acho que ambas, mesmo também a sociologia, são um ofício, um labor, um trabalho árduo constante. O mesmo se pode dizer da actividade do escritor, corre por aí a ideia-sugestão que contar histórias é inútil. Em certo sentido é verdade, porque distrai as pessoas do essencial, que é a sua felicidade, enreda-as, empata-se, neutraliza a sua aptidão para a felicidade que provém da contemplação activa do essencial. Por isso nunca gostei muito de contar histórias nem nunca fui muito bom nisso. Depois, percebi que detinha uma forma de higienica com o corpo inigualáveis, sem ser obsessiva e que talvez mesmo nem tivesse OCD, talvez ela me tivesse sido impingida por um médico que apanhei no caminho ou usa-se isso até como forma de proteção e entretenimento da minha violência inconsciente, subsumida, face à injustiça de que era na discriminação face ao trabalho e às mulheres, talvez por isso tinha pouco prestígio social e logo, pouco aproveitamento no usufruto delas. Bingo! Era isso, eles estavam-me a barrar o caminho e faziam escoar o meu desejo para as putas e o porno online e na tv. Era isso mesmo, o típico nascido em Lisboa a barrar o caminho para as ladies ao espanhol... Fora da minha cabeça, a realidade era outra, bem mais interessante em sua riqueza e manifestação. E eu queria fazer isso todos os dias, sair todos os dias de casa, dar a mesma ou outras voltas por aí, mandar umas quecas valentes, regressar a casa, ir correr, andar por aí, como toda a gente, sendo o que sempre fui e serei, um escritor com ambições a professor universitário, um tipo

interessante e útil, amigo da maior parte, inimigo daqueles com quem compete, humano e genial. Mas tudo bem, ainda assim procurava diversos personagens, situações, novas ideias que me pudessem fazer sentir bem e para que ao meu redor as coisas corresse também bem com os outros. Danny ligou de novo e eu acabei por perceber a insignificância da filosofia, que se resumia a um ponto no tampo da sanita, ou seja, uma perspectiva hidro-higiênica da coisa num bar algures no Cais do Sodré.

# 4

Defendo que ante o papel em branco há sempre alguma coisa a dizer, raramente tive bloqueios diante dele, como tenho diante das mulheres, por exemplo. Mas por vezes devemos também guardarmo-nos das coisas, até dos pensamentos, disciplinar a mesmo, porque não podemos nem conseguimos, diz a *vox populi* e sua experiência de assídua audição, não podemos agradar a todos. Depois de um ano, aguardo a discussão da tese, o dinheiro para isso, no que seria uma tese e um grau em Filosofia, um acto heróico, diria Fernanda Bernardo, um processo e um caminho ora errático ora certo, na sua mais variada dimensão escarlata no meio de um navio perdido no oceano. Um navio de loucos, *ship of fools*, é o que a vida nesta cidade, e creio que em todas as actuais cidades, é, mais vale isso do que voltar atrás no tempo, ou seja, regredir no sentido inverso da civilização, como se tivéssemos constantemente, a todo o momento, no nosso íntimo, de optar entre civilização e barbárie, entre a violência e um registo mais zen, ous eja, haverá sempre violência e talvez seja a forma como ela é usada que define essencialmente o homem, quer em relação à sua própria espécie, quer em relação a outras espécies, a outras formas de vida. O que faz um escrito? Escreve. E para escrever tem de pensar, dá-se na circunstância de ser surpreendido, em liberdade, no seu próprio pensamento, letra após letra, palavra após palavra, conceitos vários encadeados uns nos outros ou soltos à vela, de um lado para o outro, entre tabaco e esperma, entre desejo e carência, na fonte maior da imaginação, em termos progressivos umas vezes, com rodeios outras, mas sempre convicto de que a escrita é um labor, um trabalho, um ofício, da ordem do técnico, do material, do pragmático, em termos radicais, ou seja, não há uma verdadeira separação entre teórico e prático, mesmo no interior de um texto, de uma pintura, de uma película ou fotograma ou objecto. Essencialmente, a forma de amar mudou completamente, quer no plano sociológico, quer no plano puramente afectivo. O amor é mais psíquico, da ordem do metafísico até, hoje em dia... Por esse dia, tinha a minha conta, a pessoa que eu amava não me dava atenção, não me falava, por mais que eu insistisse, entretanto procurava sob diversos canais encontrar alguém para amar, online

ou por exemplo na rua, no metro, por mais estúpido e arruaceiro que podia parecer tal intento, procurava lutar contra o sentimento de estar farta da minha cidade e evitava o confronto com machos ressaibidos, aqui e ali, na minha mente, pontuava a esperança, sentia que estava perto de alguma coisa, mas quando mais me aproximava mais esse amor prometido fugia, tal com quando corremos, quanto mais avançamos mais o corpo se extingue, é uma luta contra o tempo, contra nós mesmos e o mundo e ao mesmo tempo a favor, tal como uma sarça ardente. Assim, continuava enredado em palavras e sentimentos, atirava-me a elas esquecendo que um dia fora muitos dias brando e delicado e mesmo assim elas fugia, outras atiravam-se a mim, tinha saudades desses bons tempos, agora o cenário, o set, o ensemble era outro, era eu que corria atrás delas e elas que me fugiam, assim como eu fugia da morte evitando o suicídio à medida que para ela pela idade me encaminhava. Depois de ter feito teoria social, de ter feito ciência social e filosofia, fazia ficção, prosa filosófica, depois de ter feito alguma etnoficção fazia agora fantasia literária, dizendo tudo o que apetecia e ainda que não vivesse plenamente, sentia-me bem comigo mesmo e de certa maneira realizado, nunca, jamais seria um frustrado, porquê, por não ter emprego nem mulher, nunca, nem sequer estava à margem, estava bem no centro e no cimo de mim mesmo e ao mesmo tempo da sociedade em que vivia. Por mais incrível que pudesse parecer, deixava de me importar com a opinião dos outros acerca de mim, porque afinal a maioria do pessoal é sexista, classifica, mania ocidental ou não somente, todos olham para ti e fazer sempre algum juízo, e os zen dizem para não fazer juízos acerca de pessoas, é o pior que podemos fazer a nós mesmos, essa suspensão do juízo é a cura para muitos males, afinal estar só é também uma forma de Estar e Ser, de Parecer também, uma forma de felicidade, como diria melhor do que eu Platão. Estava centrado nela e por mais estranho que possa parecer, raramente me senti gay e quando me sentia não tinha medo e ainda que muito homem me quisesse, a maior parte deles não se aproximavam e eu sabia que fugia disso porque logicamente não o queria, apenas tentava fazer as coisas em demasia, como quem se droga ou se embebeda por não aguentar, porque a última palavra sempre dizia respeito a mim mesmo e não aos outros, ou seja, não sejas o que os outros querem que tu sejas, sê o que és, torna-se no que és, o que quer que sejas, não sexualizando a questão porque o amor é coisa íntima que por vezes se torna estupidamente pública e na verdade há uma ideia de

cosmopolitismo em tudo isso e não vem mal ao mundo que assim seja. Assim, há coisas estúpidas no mundo, no viver, enquanto uns tentam consertar outros destróem e enquanto assim for continuará o mundo a girar, não há stress nem dificuldade nisso, enquanto uns se preocupam outros nada se preocupam, enquanto uns se espantam, outro passam indiferentes a umas coisa e outras ou até atentos e umas e desatentos provocatoriamente a outras, pelo que a minha tendência em compreender tem a ver não só com a formação mas também com o meu signo do zodíaco, essencialmente e, conclusão das conclusões, tens de fazer cedências se queres continuar por aqui mais algum tempo, pelo que os tempos são selvaticamente democráticos e o amor anda no ar. Por aqui, vou-me sentindo cada vez melhor, tenho condições de trabalho, já passei a fase da saturação e evidentemente quero gozar um pouco a viagem e aperfeiçoar a minha técnica.

# 5

Então saí. Não tinha nada mais a fazer aqui, tinha superado todos os limites, mais que todos os escritores vivos, dos mortos não me importava eu, o meu único destino era ir até Nova Iorque e apreciar a vista, afinal tinha merecido, muito mais do que aqueles que deixara pelo caminho, muito mais do que aqueles que eram melhores do que eu. Na verdade, como eu próprio dizia, era o Rei de Lisboa, sempre fora, o meu reinado estava a chegar ao fim, seria um mero *citizen* em Nova Iorque em breve, se me deixassem, porque eu tinha o que era preciso, como se costuma dizer, em todos os sentidos, mas não sentia nenhuma pressão especial para tal, as coisas fluíam naturalmente. Mais logo, voltaria para casa e iria treinar, como sempre, gosto de correr ao fim da tarde, para descomprimir, não sou louco como muitos para ir logo de manhã, a vida afinal talvez seja uma fina arte de diplomacia, afinal de contas. Escrever só mais um pouco, escrever mais, muito mais, esquecer a arte pictórica ou as artes cénicas e escrever, escrever desalmadamente até dizer tudo, deixar, explicar qualquer coisa, porque ao mesmo tempo que escrevemos, compreendemos, rescrevemos, ainda que seja preciso beber, tomar uma droga, fumar cigarros, tomar medicação, escrever, libertar o animal sagrado que há em nós, como Verlaine, como Baudelaire, como Bocage, percorrer Lisboa de uma ponta à outra, uma vez, mais vezes, porque não sabes que estás só, acontece de tudo e nada acontece e talvez seja assim mesmo a vida, há quem não tenha pernas para andar, quem não tenha olhos para ver, uns zangam-se com os turistas, tontos, outros falam mal de tudo e mais alguma coisa, outros elogiam, a ti ao outro e a mais alguns, de uma maneira ou de outra certamente com algum entusiasmo porque de certa maneira em lugar algum da Europa se sente esse sentimento misto de liberdade e segurança, talvez se sinta também em Londres, mas eu prefiro estar por aqui. A vida tem-me sinto difícil, falta-me o afecto que quase nem sempre tive, uma companheira a meu lado que puxe para cima, portuguesa ou estrangeira, dependo ainda quase na totalidade da ajuda da minha irmã, nestas condições é complicado ser-se criativo, mas vou continuar a lutar até conseguir, procurando estar ocupado, procurando ser normal, mesmo com a arte de quem

especula, mesmo com o sentimento de quem tem ganas grandes de viver e se sente bem entre os homens e as mulheres daqui e dali, mesmo que leve porrada, mesmo que digam mal de mim, não me conseguirão deter, nem sequer os machos mais fortes, porque a minha força reside antes de mais no espírito. Cheguei à conclusão de que o playboy que se gaba de ter comido esta e aquela é o mais fraco de todos. O amor deve ser guardado como uma flor, tal como a mulher é uma flor, que toda a gente pode ver mas nem todos podem tocar.



## 6

Estamos num pequeno país onde tudo se espalha e preserva ao mesmo tempo, tanto o ódio como o dito amor. Entre formas diversas de expressão, cabe aqui, neste rectângulo que muitos dizem parecer-se a uma piscina, outros a um caixão, por mais bizarro que possa parecer, uma forma original de Ser e Estar, a vida desenvolve-se por impulsos, retrações e compulsões, avanços e recuos. A vida não é qualquer coisa de linear, nem mesmo para as tropas de elite, que de algum modo aplicam uma vontade superior, em termos de hierarquia social, em termos de disposição dos objectos de consumo e da propagação de energia. No final do dia, percebi que a voz da minha consciência era a voz unificada dos meus pais, do meu país, do meu povo, que acordava finalmente de um sono, como que desperto para o sonho. Mas a voz, estando eu longe dos meus pais, era a de mim mesmo e dos outros, desagregada, desgarrava, como a de várias hienas que se enervam mutuamente. Enquanto a sociedade em que vivia estava com ritmos espasmódicos contorcendo-se como um sardão, eu ainda fazia alguns planos para estar aqui sendo ali e estar acolá pipiripiu pá pá pá, esta é uma história que nunca acaba enfim todos falam e acabam por ter nenhuma razão, pois a vasta estupidez do mundo lhes assiste porque sobretudo o que o homem gosta é que lhe lambam os pés. Sabia que podia continuar até ao resto e ao fim da minha vida, sempre em atividade, porque afinal estava só naquele apartamento, reivindicações de que não vale a pela “parlamentar”. Ainda assim, avançava para a visibilidade social, uma certa forma de justiça era necessária, ainda não tendo mulher nem emprego, era difícil continuar a escrever, a inspiração crescia a saca-rolhas, mas eu procurava continua a fazer o mesmo sendo o mesmo de sempre. Que me interessava afinal? Não sabia bem, mas não me preocupava em ser essencialmente genial e isso fazia-me diferente dos outros, ou seja, na minha normalidade eu era um tipo que até sabia levar a coisa, não procurava impressionar ninguém, fazia o meu trabalho tal como um missionário, sendo evidentemente religioso (o que me enfraquecia diante delas) mas também um pouco militar, tal como um cruzado, tal como um legionário. Tinha uma preocupação essencial

ligada à minha mãe, mas procurava não fazer avolumar o sentido dessa coisa, enredado em teias de aranha e lagartos malteses. Nesta vida, por vezes ofendemos alguém, ainda que fundamentalmente nos chateiem toda a vida e acabamos por nos revelar, mais cedo ou mais tarde, nos caminhos inviesados da persistência ante a memória de qualquer coisa que não existe, que se desloca de um lado para o outro como se de um corpo estranho se tratasse, ainda assim, teimamos em amealhar qualquer coisa para roer num canto ou polvilhar de boa disposição. Assim, a busca da perfeição era qualquer coisa da ordem do heróico, numa sociedade em que os perfeitos são loucos por o fazerem e a maior parte dos outros todos são desleixados, sendo que de uns e outros não se aproveita ninguém. Neste estado de coisa, u lá lá, é difícil fazer filosofia, sobretudo com o estômago vazia e aí reside talvez um segredo, que todos buscam, de uma maneira ou de outra, iludidos, quando o que acabam por encontrar é um bom pedaço de merda.

# 7

Se quiser ser escritor terei de calar e obedecer, ouvir a calar, ou seja, escrever o que os outros me ditam, ou seja, ser um mero e inútil redator, mas para isso há por aí muito jornalista que faça esse trabalho e matéria-prima não falta nesta sociedade. O que falta então a esta sociedade para que seja feliz? Sim, coletivamente feliz, quando não há um sentido claro do coletivismo? Falta ser ela própria, ou seja, rebentar com as amarras da barragem em que se encontra, sendo que mais adiante a água se espalha e mais adiante ainda se concentra em locais residuais sem a mínima importância. Portanto, importam-me os técnicos, e o que os loiros pensam porque na verdade quero comerciar com eles, sendo que mesmo assim nada de importante me parecem ter, ou seja, de um lado e do outro são uma cambada de todos que almoçam notas desfiadas em rolinhos de cara para encherem a versatilidade dos seus modos de existência e constância na obviedade de serem alguma coisa se entediam, porque pensam que a felicidade está no conseguir, sendo vazios por isso, *au-delà* da própria felicidade do poeta português. Assim sendo, o sentido da coisa humana é persistir, continuar, lutar de novo e voltar à carga, nunca desistir, nem sequer ouvir e ouvir tudo ao mesmo tempo, sendo que pensamentos momentâneos toda a gente os tem, de uma maneira ou de outra, sendo que na prisão, no convento ou no quartel a coisa é mais ou menos a mesma, ou seja, andamos no fundo todos à procura da felicidade como bebés ou meninos (eu vi) encantados, uns procurando-se a si mesmo outros procurando-se nos outros ou não procurando nada, outros procurando e nem sequer nada encontrando. Porque, de certa maneira, dizendo mal e porcamente, o gay preocupa-se com a merda do cú, ou não caso se porco, o hetero é voluntaria e genuinamente porco pois nem com a merda se preocupa, toda a gente avalia de uma maneira ou de outra uma coisa ou outra, com cheirinho ou sem cheirinho, não tendo coragem para levar a coisa adiante, que física-quimicamente quer filosoficamente, ou seja, cú não tem sexo sendo que o que a mulher acaba por suportar é o peso de séculos quando nos tempos de hoje já não dá a crica, mas a parte de trás, seja porque ora quer sofrer seja porque quer ter prazer, sendo que há mulheres de toda a

ordem quando a maior parte da gente sexualiza a coisa dos buracos e da falta deles, enquanto a maior parte se referencia a quem explica espiritualmente a coisa, sendo que a maneira vã de iludir os outros que é a coisa do amor se reveste de muitos truques, tricas e maningâncias, sendo que a vontade de agradar a uns e outros é a maior das vilanias que se pode fazer a si mesmo, sob os limites da suportabilidade poética, já lá dizia Nietzsche, sendo que em Sade se reveste dos armários da coisa político-partidária. Dizendo todas estas merdas, continuava sem miúda, sem trabalho e sem perspectivas profissionais, no fundo talvez fosse demasiado ambicioso, ou não o fosse de todo, ou estivesse apenas isolado numa certa sociedade, ou estivesse ainda no meio de muita coisa não me apercebendo de coisa nenhuma, ou talvez fosse apenas a vida, porque o objectivo de discutir a tese e arranjar trabalho estava ocupando todas as minhas energias, as mesmas energias que eu precisava para estar seis meses na América e voltar, e ficar, e ir até Paris, ou Milão, ou Budapeste, ou Nova Deli, sendo que isso me ocupava o tempo todo ao tempo de eu chegar a um ponto em que descartava tudo e dava um tempo a mim próprio e aí...aí podia surgir um romance, um envolvimento qualquer, ou único, um emprego, uma família, dinheiro a rodos, inúmeras e incontáveis oportunidades de ocupar o tempo da melhor maneira.

## 8

O português entusiasma-se demasiado, em certo sentido não sabe parar, é pouco racionalista, por isso a maior parte dele acaba louco, tal como Antero. Se uma pessoa é o que pensa, bem mal está o mundo, porque afinal de contas, o homem anda sempre indeciso entre o pensamento e o acto, a palavra e a emoção, o mental e o físico, sendo que enquanto uns estão obcecados pelo físico, outros o estão com o racional e até com o espiritual, sendo que a vida é algo de tremendamente banal e talvez o segredo da vida humana esteja guardado no interior de um cagalhão mais ou menos obtuso, ou seja, enquanto uns se admiram por uma coisa ou outra notavelmente, dando valor sobrenatural, outros andam na merda a vida toda e uma coisa não é melhor que a outra, essa coisa das fezes, do social, de Deus, do Diabo e da curtição. Então, entre uma coisa e outra não sei bem por onde escolher, às tantas os personagens acabam por fugir de mim como eu fujo de mim próprio. Talvez não queira cumprir destino algum, determinado, preciso, pensado, talvez queira viver enredado e absorvido por uma mancha no ombro esquerdo, como se fosse uma tatuagem, como se estivesse constantemente pensando por palavras, por medo que as imagens me magoassem, como se fosse um autêntico corpo de delito, delitando e fugindo de qualquer coisa acima do óbvio e racional. Talvez o esforço par ficar pela média das coisas, pelo senso-comum da constância, seja uma forma de sobrevivência, de realização e adoração da essência, enquanto me enterro o corpo mais enquanto escrevo, talvez por defeito de estratégia, talvez por mor de uma vontade que não é fundamentalmente a minha, ou seja, por ordem de um conjunto de personagens que incarnam na tela da realidade quotidiana, pura e dura, ébrio de um conteúdo semântico mais ou menos provocador. Assim, enquanto falo sobre mim mesmo, falo a propósito do mundo, do mundo que sou e existe, expandido no âmago de uma existência, de uma biografia, de um recesso que me impele para a realização de mim mesmo enquanto corpo, fumando para não me perder, para não me alastrar na praia do imaginário de um ponto ali ao canto, onde um gato caça um rato. Enquanto soberbamente me imponho através do corpo, escondo-me infimamente nesse canto,

articuladamente desmontado para mais adiante me recompor e reconstituir, numa estratégia clara de realização de uma evidência estelar. Assim, vivo na prisão de um pensamento desdobrado mas finito, num manicómio em que o corpo se arremete numa cama fechado e reduzido a uma formiga que passeia sob o meu és esquerdo e dói, dói muito não apenas porque esteja me transformando num robô do capitalismo, mas também porque essencialmente talvez esteja doente e ao mesmo tempo comigo o mundo, o de mim mesmo e o outro, que teimo invadir com a lança da minha menta, evitando o circo e o navio de loucos do sensaborão universo do senso-comum. Estarei deprimido? Expressado? Sofrerei de uma doença crónica do saber místico? O ou domal da crónica do reino místico? Uma das duas, ou nenhuma, mais além, procuro ir além do que penso ser, não preocupado em agradar à *vox populi*, nem sequer a mim mesmo, procurando não imitar Pessoa ou Saramago, enquanto o meu desejo dura longo tempo, tentando enviar um sinal rádio para quem emite sons clássicos e/ou dissonantes. O homem tem pressa, com o desejo portador de vida e morte, enquanto se detém na pressa, na ânsia de se realizar na potência de um acto fruste, de uma efectividade que o renova, enquanto outros pensam evanescentemente em explicações para ora a ausência de desejo ou o seu excesso, numa miríade de canos entupidos, entre a cientificidade das relações humanas e a concatenação programática da ausência de saliências na areia de uma praia estival, onde uma tolha se esfrega numa lula e o peito da sereia se expande com a vida que o ar projecta, aquém ou além dos respigos. Assim, entre a autoestima e o desejo, o corpo projecta-se num acto inovador da mente tranquila, entre a euforia e a depressão, entre a exaltação do Ego e a humilhação quase diária através da água de um copo de água. Assim, entre uma coisa e outra, vou além de mim mesmo nunca saindo de uma forma de exaltação matemática da percepção do Outro, quando a sociedade puxa pela normalidade e rejeita a marginalidade, quando uma e outra são uma forma de progressiva convergência química para o Nada. Entre o Nada (do deserto) e o Todo está talvez o homem, como se fosse uma bola de bilhar, uma bolha de sabão, uma borbulha de acne no asfalto que ferve.

# 9

O homem é assim, quando se lhe dá importância, aproveitar e sente-se inchado, quando o humilhamos abaixa-se, sabendo-se que depois se irá exaltar, quando o ignoramos enerva-se, porque afinal, de uma maneira ou de outra, todos precisamos de atenção para além dos enredos da mente em que a maior parte da população em geral se entretém. Porém, duvidem do iluminado, do profeta, do burocrata, do eurocrata porque está ilusionado com o mundo, com uma solução pessoa de resgate do mundo e tem sempre algum interesse em manifestar o vislumbre do seu pensamento, que seja levi-straussiano ou não. Assim, o homem feliz é aquele que tem uma sina, um fardo, quer porque quando dele se libertar o alívio será maior que a felicidade, uma autêntica descarga psíquica, como se se tornasse imediatamente um deus, quer porque anda entretido consigo mesmo e com o mundo, com deus inclusivé, enquanto o homem executor vive prisioneiro do seu desejo e no fundo autenticamente escravo do seu vício. Mas então qual será mais realizado, o amo ou o escravo? Cada um, à sua maneira, sendo que o homem moderno paga o preço da felicidade relativa em que se encontra e para a qual trabalha, por vezes paga também o preço do maior dos bens, a liberdade, entre o individual e o social. Quando cumpres todos os teus desejos acabas por ficar louco ou deprimido e ter de recorrer a diversas ditas panaceias que te poderão resgatar alguma moralidade e esta é sempre relativa ao respeito por ti próprio e pelos outros. A maior parte do que a mente humana contém é lixo, tóxico ou nuclear, químico, porque é essa a composição da mente, bom desafio, tentar colocar em termos linguísticos o que é a mente, o espírito, o espírito da coisa. Mas curiosamente, é disso que a mente vive, talvez o corpo seja mais sagrado do que pregam as religiões...É fácil ser genial em grupo, não há regras, ou já regras sem as haver na oficialidade da coisa, ser genial individualmente é muito mais árduo e complicado, sendo que acarreta consequências danosas para o sujeito que age e pensa conforme à sua convicção de que está fazendo alguma coisa de importante.

# 10

Entre o zen e o trace, deixei de me preocupar. Em casa, os vizinhos falam invariavelmente de mim, oiço através das paredes, na rua falam também de mim mas ninguém tem a coragem de me interpelar, Lisboa é um bairro desgarrado de gente contente e constante com o seu destino. Vou eu mudar isso? Tomara eu ter certas coisas para continuar a minha vida, a minha actividade, os meus assuntos e negócios. Sinto que sou minado e sondado a toda a hora por estes humanos que dizem ser gente, que fazem que são polidos mas que a um mendigo pouco dão e acabam por se copiar uns aos outros, não pretendendo ter nenhuma originalidade nas relações. Por outro lado, enquanto uns fazem, obras sociais, estradas, passeios, árvores, outros não fazem nada e limitam-se a pensar e esses são os mais perigosos, os filósofos e antropólogos, que fazem deste território uma quintinha de divertimento mais ou menos científico, mas que é perfeitamente irresponsável. Dou-me bem, ao fim e ao cabo, com este conflito interior social que está dentro de mim mesmo, com a merda instalada na minha mente de viés, em cheio, de um lado para o outro, enquanto outros pensam ter a cabeça limpa mas há tantas estão mergulhados numa fossa séptica. Higienização? Quero lá saber, vou recuar um pouco, pensar um pouco, andar de lado com os cães. Noto que estes salpicões gabam-se de uma coisa ou de outra, na maior parte gabam-se de coisas que nem fizeram, de ter certas ideias, antigas ou novas, tecnológicas ou manuais, mas no fundo isso não é nada e ao nada conduz. Eis então um racismo disfarçado e pardacento, triste, enquanto não se fala nem sequer nisso, nos transportes lá mandam bocas ou então, na maior parte do tempo, estão calados, talvez porque nada mais tenham a fazer, talvez porque nada mais haja para fazer. Então, toda a gente classifica toda a gente, dizendo que é isso ou aqui, falam com um ou outro especialista de alguma coisa, enquanto eu derrimo argumento atrás de argumento para provar alguma coisa e nada leva a nada, entre construtivismo e nihilismo. Fuck up social crap, na verdade. *Fuck up universal crap.*

# 11

Assim torna-se difícil escrever ou pensar uma coisa minimamente original, tenho a impressão de que estão a gozar comigo e é há muito tempo, daí mais uma razão para me ir embora, não gosto de fazer figura de urso, chupista ou chulo. Por outro lado, não sou um tipo hipócrita nem classista, mas quero concerteza subir alguma coisa na hierarquia social. Sinto-me um verdadeiro *working class hero*. O facto de as mulheres se espantarem comigo, por um lado, e por outro não se interessarem por cima entristece-me, mas não me desespera, sei que tenho reputação e por vezes comportamento de gay, mas sei que não o sou, gosto demais de mulher para mudar de clube. Do outro lado da estrada, está alguém no interior de um apartamento que parece psiquiatra, não tenho bem a certeza. Ignoro a internet, o facebook e vejo pouca televisão, concentro-me neste livro, na procura de cada vez mais paz de espírito e tentando progredir como pessoa, embora tenha todos os desejos que qualquer humano comum tem. Por vezes sinto que não vale a pena, mas penso na minha família, no meu pai e na minha mãe, já velhotes e consigo encontrar em mim força para continuar. Daqui a alguns meses poderei estar em Nova Iorque, discutindo a minha tese, estou arranjando dinheiro para isso junto da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento. O meu esforço nunca será inglório, pois apesar de tudo deixo um registo escrito dia sim dia não, à mão, no meu caderno azul. Quanto mais progrido através da sociedade, na rua, ouvindo música, mais ideias me surgem e embora não me lembra de todas as que tive hoje, de uma maneira ou de outra acabam por transparecer no papel, melhor, no écran. Não me ligam nenhuma, mas eu persisto no meu esforço, cada vez mais indiferente ao que se passa em Lisboa. O meu próximo desafio, porém, é ir além das palavras, aceitar a dispensabilidade da arte para a descartar do pensamento, perceber que há milhentas formas de percepção no homem, em termos sensoriais, metafísicos e tácteis, não apenas no que diz respeito às relações humanas, mas no que diz fundamentalmente a outro tipo de associações que fazemos a partir do mundo da natureza. Importa-me superar a língua, portuguesa, neste caso e ir além dela, não cindir nem cingir o sentido da realidade a um conjunto de códigos

linguísticos absolutamente desnecessários para viver, entender, fruir a existência, humana particularmente, que em muitos casos não interessa nem ao menino Jesus, ou seja, superar a bonomia que por vezes a língua acarreta e falar outras línguas, usar e conhecer outros códigos (da vida) e do sentido da percepção, da intenção e do desejo. Enquanto isso, no andar de baixo, o vizinho debate-se com a mulher, tem a pila mole e não entro na dança dos carneirinhos, não sei porquê, mas desta feita não me saberia mal, se bem que estou em constante e abundante paz de espírito. Esqueci o meu passado, bem como o mecanismo tipo lâmina da minha consciência que rejeita para o inconsciente os pensamentos pecaminosos, negativos, tornei-me um demónio do pensamento perverso, louco e esquizofrénico, psicótico, mesmo, e o facto de não ser violento aumenta tudo isso e além do mais reprime o meu desejo de realização, de superação de mim mesmo e dos outros. Assim, eu insistia ainda escrita, no código linguístico que é a língua portuguesa, formatada por e para uma forma de pensamento, mas evidentemente cada língua tem a devida margem para especulações, daí se criando novos vocábulos. De modo que deixei a mim mesmo a oportunidade de pensar e reflectir um pouco, de pausar as minhas necessidades básicas, de relaxar, de procrastinar, dar tempo ao tempo e não fazer tudo à bruta. O meu primo Gerado havia sido operado a um tumor maligno na próstata, coisa de que o meu pai sofria e provavelmente meu irmão e eu próprio haveríamos de padecer...

Estava um dia bonito, solarengo, intenso, particular, mas eu não tinha vontade nenhuma de sair. Sempre fora muito caseiro, tirando certas alturas da minha vida em que tinha de falar com certas pessoas, ir a certos e determinados lugares. Naquele dia, porém não tinha nenhuma vontade de sair, por isso não tinha o medo que tinha (sempre justificável) noutros dias, em que me preparava absolutamente bem, roupa limpa, modesta mas limpa, absolutamente casual, perfume, cabelo arranjado, barba feita ou de três dias, conforme o caso. Saí, não aguentava mais as vozes que me cercavam, sabia que eram reais, sempre soube e nunca tive a coragem de admiti-lo para mim mesmo. Tendo sido gozado durante dezenas de anos à força toda por diversa gente, habitava numa cidade que me deu alguma coisa, que eu conquistei a pulso e abdicando de certas pretensões noutros lugares. Não sabia onde iria, talvez Nova Iorque, para ir e voltar, para ir e ficar, não sabia bem, ou iniciaria uma viagem pelo mundo, não sabia bem ou

ficaria para sempre retido nesta cidade, como um génio louco ao abandono, abandonado pelos seus conhecidos, atento aos estranhos, um estranho em Lisboa, tentando provar a sua sanidade, bem-disposto, desatento ao mal que lhe fariam, abandonado à sua sorte. Entre reflexão e concatenação nas vozes dos outros, eu continuava, pensando que seria a voz de mim mesmo. Num certo sentido, eu estava dentro da consciência colectiva e, por outro lado, ela estava dentro de mim. Não sabia bem o que dizer, não era agressivo, ainda que o fosse procurava dentro de mim mesmo não o ser, ou seja em todo o sentido era um perfeccionista que procurava ser banal.



# 12

Podia simplesmente alimentar ódio contra aqueles que me abaixaram, como Monte Cristo, podia ser um anjo das Trevas e alimentar ódio contra aqueles, meus conhecidos ou não, que me magoaram e ignoraram. Poderão continuar a fazê-lo mas não me conseguirão tirar o sentido da felicidade que tenho, mesmo que não tenha o que os outros tendo considerado ser princípio de felicidade. Porque para mim ela está em qualquer coisa de íntimo, que não se pode partilhar, que não se exhibe, que vem do fundo dos tempos e nos percorre a alma a eito. Por mais disparates que fazia e dizia, gestos e tudo o mais, sentia que estava a vencer, ou seja, a viver, que as boas memórias, tudo o que havia enterrado na vala comum da minha memória, era agora recuperado e não era essencialmente por mim mesmo, mas pelos outros, de que havia estado afastado uns tempos, entre leituras, discos e objectos mais ou menos voadores. Aprendia agora a conservar um pouco os sentimentos, de alguma maneira, para bem da sua saúde e alívio de sofrimento, os portugueses estavam tornando-se franceses e, estranhamente, os franceses estavam tornando-se portugueses e todos rejubilavam com isso. Eu deixava de estar preocupado e obsessivo e estava a processar alguma informação, sabia que não podia ficar por aqui nem tanto ser impositivo do outro lado, sob pena de perder literalmente a vida, mas sabia principalmente que tinha de estar bem por dentro e por fora, equilibrado, bem no corpo e no espírito, ou seja, bem além de mim mesmo. Sob a perspectiva de sair do país eu sentia algum sentimento de justiça e importância, como se o que devesse ter feito há bastante tempo viesse agora irrecusavelmente à superfície, só isso, não há muito mais a explicar. Sabia que, pegado com um bloco de notas, poderia acabar num beco sujo e violento, sem caneta ou lápis, numa prisão ou num hospital, dado o meu passado, mesmo que fosse correndo devidamente equipado, podia passar por um parolo africano, por um asiático ocidental, ou acidental, mas secretamente, na alma, descobria uma forma de resistência e encantamento que nada tinha a ver com a palavra que proferia, tinha a ver com algo de espiritual, de missionário, de intimamente secreto, algo que tinha a ver com a minha história e a do meu povo, como se fosse uma

espécie de predador para com maníacos sexuais, como se quisesse inconscientemente derrimir a confusão tecnológica que grassava no coração da civilização ocidental. Ao mesmo tempo, aprendia a ser americano, eu que era moreno e tinha fortes marcas de acne nas faces, portanto deixava entrar em mim o sangue da música pop, fundamentalmente dos anos 80, que tinha a ver apenas com uma idade em que o meu espírito subira acima de mim mesmo e se comunicara à subida do dos outros, sabia bem que o capitalismo e estava sociológica e economicamente certo, perdia o tino de explicar tudo e mais alguma coisa em poucos segundos, lentamente parecia-me que a minha perturbação desaparecia, estava menos obcecado com as miúdas, com o corpo, com o rosto, com as loiras, não sentia desejo sexual algum e isso dava-me uma paz de espírito espantosa, ou seja, nem sequer tinha projecto, era eu mesmo em casa instante, em cada fracção da divisão ínfima do tempo, sem que ele me fizesse recuar, ou seja, vivia no tempo, não sei bem se apenas no tempo presente, mas num sentido de fusão dos tempos sem que isso me trouxesse pressa ou vagar, compressão ou depressão. Na verdade, estava apenas envelhecendo e escaqueirando-me, desfasado dos outros, muito dificilmente encontraria alguém que me percebesse se não falasse, se não insistisse, de alguma modo, ainda que o meu desejo diminuísse mais e mais. Faria disparates sexuais a torto e a dinheiro, diversas e opcionais perversões, decerto, isso pouco importa, mas procurava-me a mim mesmo através de alguém, sendo que era um pouco limitado o meu pensamento, mas noutra sentido era extensivo, sem dilemas morais ou diletâncias psíquicas, sem preocupações musicais, literárias ou astronómicas, apenas vestindo casualmente, talvez um pouco mal, apenas sem perfume, apenas com os meus óculos, os meus músculos e o meu instinto. Cortara a barba naquele dia, nada mais importava, queria descansar, no outro dia talvez não fosse corre, pois sentia que estava mais preocupado com a minha carreira pessoal, com as ideias e os conceitos, com ir a um grande cidade, sem que tivesse paciência de esperar por um único objectivo que me enchesse de contentamento e depois do qual pudesse beber um copo de champanhe com um amigo.

# 13

Estava numa praia, percorri o deserto, instalei-me na cidade e conheci os seus diversos costumes, percebi e senti fortemente o desalento e a solidão junto a um canto, perdendo a minha religião, mesmo sabendo que ela morava no apartamento do outro lado, andei de um lado para o outro caindo na cama doente, quase desistindo, mesmo que me perseguisse a ideia de nunca desistir, percebi que era tarde demais, contudo avancei, umas vezes de lado como os cãesinhos, outras de frente como um manietador de consciências, descobri então que tinha mais um dia e depois outro e que podia até em certo ponto e em certo sentido, fumar um cigarro, mesmo que estivesse reduzindo, ser eu mesmo, na minha luta, na minha insistência, na minha arte, na minha ausência. Descobri que a ideia do corpo e das teses mínimas que me perseguiram não faziam de modo algum sentido e sentia no sorriso dos outros uma friesta substancial de felicidade, na cidade, na necessidade, no ganho, na preponderância de uma observação, de uma crítica e sem dúvida que a liberdade de viver estava condicionada em certos limites e ainda que isso correspondesse em mim à ideia de acoplar com outro corpo, não fazia sentido algum e nem isso mesmo importava, porque afinal enquanto uns estudavam demais fazendo uso e usufruto disso, outros não estudavam, nem sequer observavam, apenas estavam, permaneciam no magma de qualquer coisa que está do lado de cá da morte e que nos enche o corpo e a alma todos os dias. Enquanto uns viviam a vida como se nada fosse, vendo-se isso perfeitamente nos seus rostos, a maior parte jovens, outros levavam a vida seriamente a sério, o que era bastante estranho num contexto citadino, ou seja, eu sempre entendi a cidade como divertimento e o campo como potencialmente digno de "construção". Assim, voltava a casa e tudo me parecia mais uma vez estranhamente, ou não, masoquista, um lamento que nunca acabava, o que teria a ver certamente com a nossa história, era a voz de um homem que se queixava infinitamente, como se estivesse diante da tumba de um familiar, pior, de uma mulher,

piores ainda, de uma amante, enquanto as vozes de mulheres, a maior parte idosas, dando picadas, como galinhas, mas tinha bastantes observações sobre mim, o meu corpo, provavelmente, a minha maneira de caminhar, de progredir, gosto de dizer isto, porque de certo modo os meus livros são como tratados de direito, reflectem um ponto de vista sobre mim, em minha defesa e um jogo de artilharia de observação, perfeitamente inocente, devo dizer, em relação aos outros. Assim, embora não tivesse nenhum incentivo para tal, continuei a escrever, a descrever o meu estado de espírito, quer para me descobrir a mim mesmo, como se fosse uma longa meditação, como para descobrir os outros, o mundo dos outros e de certo modo fazer alguma filosofia.

# 14

O desejo perseguia-me como uma mosca varejona como se estivesse muito malcheiroso. Ouvia Lou Reed e pensava nos dias da América, nos dias daqui, no que tinha ido e no que viria. Estava mais uma vez lasso quanto às minhas ambições profissionais. Na verdade, nunca fora muito ambicioso, daí grande parte do meu brilhantismo, pois não queria agradar a uma só tribo científica ou académica mas a todos, de algum modo. Parei de escrever, desde acabara "Um Estranho em Lisboa". Não sentia aquele frenesi e tensão mental de outros tempos. Estava um pouco desalentado com a minha situação profissional mas ao mesmo tempo dono de uma paz de espírito assinalável tendo em conta os meus registos anteriores. É claro que as obsessões de carácter sexual sentia-as fortemente, mas elas por um lado agradavam-me por outro deixavam-me quando que impelido para o coito, a toda a hora e a todo o momento, pelo que eu bebia nos meus tempos de religião um certo sentido do equilíbrio. Podiam dizer que eu tinha uma mente porca, mas tinha grande força de vontade e de certo modo não perdia o sentido daquilo que pretendia fazer, mesmo andando à deriva na maior parte do dia. Procurava de algum modo uma forma de falar menos de mim e mais dos outros, ainda que fosse uma pessoa interessante. Demasiado interessante, talvez. Nos dias anteriores, havia vomitado várias vezes e desmaiado na cozinha, tendo permanecido imóvel uns segundos, depois fui para a cama e acabei por adormecer. Não sabia bem se queria uma carreira académica ou não, se tinha mesmo forças para tal, o certo é que estava uma vez mais sem dinheiro e há cerca de três meses que não havia conhecido mulher, pelo que tinha bastante força de espírito procurando manter-me são e equilibrado. Mas será que importava tanto assim sair de mim mesmo? Não estaria eu mesmo, enquanto autor, no sítio ideal, natural, ou seja, não estaria finalmente vendo o mundo pelos meus próprios olhos? Por outro lado, a aldeia tornava-se exígua para a minha mente, para o meu coração, sempre o fora, o meu espaço de liberdade, o mundo, era o meu mundo, o espaço permitido em que me movimentava e, de algum modo, eu não conseguia parar de pensar nestas coisas, de algum modo a minha escrita, não

conhecendo êxito editorial massificado, era como que o testemunho para alguém, como se fossem duas, três casas que eu deixava, como se fosse uma herança, um testemunho, um legado. Enquanto muitos permaneciam imóveis na certeza, dando a ilusão de andarem de um lado para o outro atarefados, eu instalava-me furiosa e decididamente na dúvida, pondo tudo em causa, até a minha existência e em certo sentido a minha felicidade, como que para a reafirmar. E via Antero passar de bicicleta. Não me disse nada, parecia estar zangado comigo, pelos meus dias da lassidão e vício, sabia bem que esse meu antigo amigo estava passando mal, como se estivesse no meio de uma enorme tormenta filosófica, mas não podia fazer nada para o ajudar dado que ele não tinha a iniciativa de me abordar antecipadamente. Andava ainda de um lado para o outro, não como na casa de Lisboa, mas nesse espaço algo circular, como se fosse a curvatura de um círculo, a quadratura de um círculo, um espaço mais ou menos oxigenado onde o meu corpo e a mente serviam de pára-raios às mais diversas ideias, na sua maior parte literárias e filosóficas. Conhecia algum desalento, desapontamento, em relação ao futuro, mas agarrava-me à consideração para com o meu novo amor, Lenny, artista como eu, e que compreendia bem as ambições e andanças do artista, não só enquanto jovem, mas sobretudo enquanto adulto. Olhava-me no espelho e sentia-me velho, mais, eu estava verdadeiramente velho. Procurava levar a vida para não me arrepender de alguma vez ter sido vão, ignóbil, descuidado, mas isso não era de todo possível, a vida não era linear, eu nem lhe conhecia o fio, tinha-o perdido há muito tempo, embrulhado em mim mesmo, envolto numa névoa de subjectivismo, mas chegara felizmente a um ponto, não sei se por Deus se pelos homens, a uma situação em que me sentia feliz e de algum modo realizado, não precisando de fazer grande coisa para obter tal sentimento. "Saturação", era o título que tinha pensado para este livro. Como se pode passar da estranheza à saturação? Só na minha mente, no Ego verdadeiro do mim mesmo, mas é possível, dado que fiz ascender o meu espírito a um estado de estranheza tal que resultou em saturação. No fundo, concluo que estamos nesta vida essencialmente para "aprender a viver", como diria Luc Ferry, estamos sempre em aprendizagem contínua e o amargo ou maravilhoso da vida, da biografia, é que quando estamos prontos para viver, estamos prontos para partir, salvo certas excepções. Como eu, por exemplo, devia dedicar-me à pintura e acabo por resvalar sempre para a escrita, ora insistindo, ora persistindo, mesmo

que não tenha verdadeiramente um público. E não me considero mau escritor, mas o certo é que mais tarde ou mais cedo acabarei por fazer outra coisa. Depois percebi que o tabaco era o meu supremo prazer, embora estivesse deixando de fumar, tendo conseguido reduzir para metade o consumo diário, percebi que a maior parte das pessoas que não fumam são na verdade verdadeiras bestas de egoísmo biológico, tal como os próprios fumadores e fumar ou não fumar seria a mesma coisa, portanto nunca foi questão para mim. Por estranho que possa parecer, percebi que muitos dos habitantes de Riachos não saem de cá não apenas por motivos económicos, financeiros, mas fundamentalmente afectivos. Eu poderia estar perfeitamente numa aldeia timorense, mas estava junto dos meus pais e sentia-me bem, os pensamentos chegavam em catadupa, não tinha sono, estava meio cansado, longe estavam os tempos da ambição face às culturais, aos sistemas, aos grupos sociais, mas continuava de alguma maneira ligado a isso tudo e, correndo por fora, sentia que pelo menos tinha uma boa tese, um sistema eliadiano que se abria de um a forma esplendorosa não só à realidade social, mas à realidade no geral, a mim mesmo, ao Outro, aos Outros, a Deus, ao infinito. O quotidiano prosseguia, compreendia, eu estava entre a minha vida e outros sistemas de pensamento, mais ou menos estruturados, decidi continuar esta narrativa, era mais ou menos o que sabia fazer, pensava na América, talvez ficar por lá, procurando não arranjar sarilhos e deixar este pequeno e histórico país envolto na sua pequena e grande história. Falava da minha vida e dos mais diversos acontecimentos como se nada fosse, do alto do futuro, do alto da minha ausência existencial, sabia que não fazia filosofia mas outra coisa que não sabia bem o que seria, andava de um lado para o outro na casa de Lisboa, na casa de Riachos, talvez estivesse apenas falando comigo mesmo mas sentia que isso me levaria, mais uma vez, a altos voos, sem partilhar grande coisa com alguma pessoa. A aldeia de Riachos estava quase deserta, um jovem de uma povoação vizinha sufocara-se no próprio carro com uma mangueira, as coisas corriam no seu termo, eu procurava descansar, não obcecado com o que há para fazer, para dizer. Em breves dias teria de tirar o passaporte, tratar do visto, dos papéis necessários. Enquanto isso, Lisboa tinha para mim um sabor amargo: se alguma gente me admirava e até entusiasmava, as mulheres não se aproximavam, nem em termos sexuais, a não ser no metro, nem em termos de uma relação mais ou menos duradoura. EU não me importava demasiado

com isso e atribuía-o ao facto de eu próprio nunca ter verdadeiramente assentado, ou seja, nunca me ter fixado no emprego e nas gentes. Agora era tarde, mas não era de todo um desenraizado, antes pelo contrário. Decidi então voltar a ler com calma e descontração certos autores, que tinha abundantemente em PDF...

Por outro lado, se eu fosse contar todas as minhas alucinações e vozes, todos os meus problemas, era um nunca acabar de argumentos, se fosse contar as partidas que me pregam, por inveja ou mero gozo, tinha bastante por onde pegar. Mas não, deixo-me, na onda, nos pensamentos, na altercação amena com os outros. Faz-se tarde aqui, estou na aldeia e vou uma vez mais dormir sozinho, como se fosse um Cristo sem mulher, como se acreditasse numa religião mais fanática e íntima que o judaísmo. Porém, não acredito em nenhum. Não quero nem saber de um Deus que me abandona anos e anos, seja numa cama de hospital, seja numa cama normal onde me debato suando, não conseguindo pensar racionalmente sobre o mal que me fazem, a chateação que todos são. Não estou esperando nenhum golpe de génio de mim mesmo. Prescindi disso, a minha presença impõe-se e em breve a minha ausência também se imporá, irei para outro contacto, um contexto onde o céu é limite, ou mesmo não existe limite nem contexto. Não preciso de me esforçar demasiado, o meu pai é cruel, indiferente, sobranceiro como muito que andam por aí. Nunca me revelou nada de nada, sempre esteve fisicamente presente mas mentalmente ausente, como muitos que andam por aí. Digo para mim mesmo que não terei pena deles, no entanto no real quotidiano, a coisa é diferente, acabo sempre por dar o braço a torcer e parecer diplomata, talvez queira ficar por aqui, talvez ficarei apenas por falta de meios para ir para outro lado...Olhei para mim e compreendi Nietzsche, para dar um exemplo, até ao fundo. Merecia um cargo de professor, mas pensei que não era um sujeito meramente de palavras, mas também de acção, preferia andar por aí, *around*, parecendo provavelmente pouco interessado mas dando conta de tudo e mais alguma coisa. Precisava de fazer a barba, tomar um banho, compôr-me para mais um tempo em Lisboa, onde tudo e nada acontecia, me acontecia, nos aconteci. Em tudo isto era guiado pela voz de todos, voz filtrada por inúmeros filtros como por exemplo o de um cigarro e seria sem dúvida a voz de Deus em mim. Depois, percebi que não estava pressionado a nada, podia-me entregar perfeitamente a todas as leituras que tinha para fazer e tudo isso, esse sentimento de segurança e certeza

de mim mesmo, dava-me um gozo enorme. De algum modo, estava sereno e serenada a minha preocupação para com os velhotes, afinal gostava de estar com eles, era um tio em progressão constante, posso dizê-lo. Depois, o tamanho não conta, nomeadamente do pénis. Enquanto corriam vários boatos sobre mim, sobre ser gay ou bi, descobri que o meu pé, quando devidamente estimulado era grande, bem grande e bem jeitosinho, o que me leva a rir estonteantemente por dentro, pois eles e elas estiveram todo o tempo convencidos do contrário. Este povo é maluco. Na verdade, mudando de assunto, a voz que me guiava até nos mais inconvenientes momentos era a voz de mim mesmo, se eu acreditasse em Deus, como acreditava intermitentemente, era a voz de Deus e as múltiplas vozes eram, como no Inferno de Dante, as vozes em altercação de uns e de outros, do povo, do meu povo e dos outros bastantes além de mim e da minha nacionalidade. A minha conversa, os argumentos dos meus livros, nunca mais acabavam, era sempre a mesma coisa e eu estava sedento de novidade, conhecia mulheres por conhecer, já não tinha a mesma chama, embora ainda fosse bastante romântico, talvez mais do que nunca. Então percebi, através de mim próprio, que muitas mulheres estavam mal da cabeça porque simplesmente não gostavam ou não faziam sexo, essencialmente as portuguesas e percebia que essa seria uma maneira estranha e ruim de viver, ou seja, racionalizar demais, ser pretensioso, arrogante, inacessível, até porque, em certo sentido, eu durante quase toda a minha vida o havia sido, isso estava nos genes ou quê? Não percebia a razão desse fenómeno, enquanto deambulava por Agamben e Shütz. Muitas andavam abundantemente deprimidas, outras arranjava doenças crónicas, outra batiam nos maridos, como a maior parte deles nelas batiam. Era uma desgraça, mas eu não me preocupava, afinal pensava e julgo que bem que é a mulher que se deve aproximar do macho, porque em certo sentido ele faz o esforço todo, a ela basta-lhe acolhê-lo, de certo modo e dar-lhe um sinal de assentimento ou negação, como se usa nestes tempos em que o não até quer dizer sim, tão chanfrada que está a maior parte, devido a problemas com emprego, filhos e sei lá que mais. Andava às voltas de um lado para o outro, ora descalço ora calçado, ensaiando um certo sapateado metafísico, dando demasiada atenção aos outros, quando eu próprio tinha bastantes coisas a fazer. Nunca fora muito ambicioso em termos de carreira; agora estava num ponto em que se avançasse muito mais talvez conseguisse o estrelato social, mas de que me serviria tudo

isso se teria de me esforçar mais e mais, talvez não chegasse a velho com tudo isso, ir à América, fazer o doutoramento, o pós-doutoramento, uma carreira acadêmica, ensinar, quero dizer, não tinha o éã, a força, a capacidade talvez a tivesse, mas via pessoas instruídas serem mais vãs e vis que eu mesmo com toda a rural brejeirice de que era portador...

# 15

A minha vida, por mais ínvios e sinuosos que fossem os caminhos em que me aventurara meter, enquanto outros nunca mudavam a sua rota de maneira alguma parecendo cepos existenciais, tinha sido uma procura do amor, o amor divino primeiro, por amor à humanidade, o amor terreno depois, na figura das mulheres. No início havia o Nada e eu tinha abundância de aproximações físico-existenciais, por agora havia o Tudo, de certa maneira eu era ou pensava que era, o Tudo, o Todo das coisas e ao menos de mim mesmo e havia uma menor aproximação da parte delas. Seguir-se-ia a isso o nada? Ao mesmo tempo, tinha de lavar a cara, a face, frequentemente, como que para permanecer lúcido neste pesadelo e não acabar como Victor Cousin, o poeta francês que era visitado na sua tumba por casais de namorados que nela se esfregavam eroticamente... Depois pensei: o que procuro não existe. Ou então estarei ficando velho e sem dose alguma de encantamento...Mas não queria acabar como as plantas, seco, racional em demasia, nesse sentido também irracional. Havia passado por muitas dificuldades e era tempo de pausar a minha vida e pensar um pouco sobre o que poderia ou não fazer. Depois, o que acho mais interessante nas aldeias portuguesas -e o dado deve estender-se a todas as do mundo- é que há um conhecimento técnico da sexualidade ao nível da brejeirice que é simultaneamente redundante mas nunca redutor e que em certo sentido supera os tratados sobre psicanálise e sexualidade pois tem um forte teor de comicidade e evolui por si mesmo através dos tempos. O meu desleixo em relação à filosofia tem a ver com esse conhecimento, que eu herdei na aldeia portuguesa de Riachos, se tivesse vivido a infância e adolescência em Lisboa, ou no Porto ou mesmo em Paris, numa grande cidade, não tinha tido oportunidade de partilhar desse "conhecimento local" (Geertz), mas isso aconteceu pela mão de dois meus grandes amigos, o Grilhó e o Professor Pardal. Eram os plenos anos 70 e 80, o tempo dos Heróis do Mar, dos Rádio Macau, dos Jogos sem Fronteiras, do Festival da Eurovisão, do Fame, da Balada de Hill Street e tanta, tanta referência comunicacional que em certo sentido é comparável à de hoje na medida em que havia um excesso de sentido, uma tal

saturação que nos permitia crescer saudavelmente, apesar dos recessos. Hoje em dia os jovens sabem mais, são mais sábios, sabem mais de ciência, de técnica, de especulação e filosofia até. Porém, faz-se pouca filosofia, mas ainda se faz, são poucos e bons. Ao mesmo tempo, pensava na minha mãe, queria estar bem perto dela, falar com ela, andar por ali, de um lado para o outro, indo à Casinha do Jardim, vendo um pouco de televisão, esperar pela chegada do velhote, dormir lá, levantar-me lá, ir até ao Café, sempre cansado das mesmas personagens, mas tinha de estar um pouco longe daquilo, dessa coisa que amava, dessa aldeia que amava e onde me sentia em casa, ainda que não tivesse lá comigo nenhuma mulher, ainda que ainda pensasse em ir a Nova Iorque... Neste sentido, a solidão dos seres humanos, prendidos em suas contingências e problemas, coloca um desafio filosófico sem par: desprovidas da companhia de Deus, os homens e as mulheres sós estão entregues a si mesmos, tentando intentar um desafio comunicacional, num mundo de fios e interconexões. Mas também coloca outro problema: Deus é preciso e extraordinariamente útil na solidão, El ajuda a viver as memórias que nos dão vida e longevidade. Depois, estava armado em Dom Juan, feito bruto, nesses dias de Setembro e Outubro, misturando sexologia e religião, algo de certo modo permitido para a minha sociedade-nação-povo, mas ao mesmo tempo tentava fugir desse preceito secular e até biográfico, armando-me em macho lusitano, em marialva, pregando a machisse a alta voz, incomodativamente para uns, surpreendentemente positivamente para outros, o inverso do outro preceito de António Variações, de Braga a Nova Iorque. Estava com fome naquela noite, tinha ficado até tarde. Tinha conhecido uma miúda num site que frequentava regularmente. Estava sem sono, tomei a medicação pelas cinco e meia da manhã para aguentar mais alguma prosa, mais alguma lucidez de pensamento. Pensava nos meus irmãos, no Rafa e na pequenita, a minha prosaica verborreia evoluíra até à perfeição para uma forma de expressão espontânea e fluida, talvez genial, talvez viciante, como me dissera o Danny. E assim continuava, pela noite dentro, já havia comprado tabaco, estava a fumar um pouco mais, mas estava feliz, eram felizes aqueles dias em que descobrira a América em mim, o sentido de uma realidade onírica suprema, obscena por vezes, sobrenatural a maior parte do tempo. O Tempo passava e com ele as pessoas, eu mesmo, a minha mente, o meu sentimento, os meus dias, as minhas coisas, a casa, de que gostava cada vez mais, o lugar

onde aprendia a viver e a paixão pelo meu trabalho, ainda que sem um público específico, tradicionalmente orientado e balizado a quem me pudesse dirigir, para quem pudesse produzir. E insistia na escrita, como Gabriela Llansol, como Luis Quintais, pelo arvoredo dentro, à la de Heidegger, esquecendo um pouco Marcuse, Bataille, Baudrillard. Quanto mais adiantava terreno mais fome tinha, o rato roía a rolha, tinha de parar, mas não conseguia, o som das teclas eram música, tal como a música que ouvia da rádio. Desisti, procurei a cama e cheguei aos lençóis, ferido pelas palavras que acabara de verter. Os homens do lixo passaram, falando alto. Talvez não fosse sair naquele já dia, talvez ficasse em casa, talvez saísse dali a meia hora para comprar pão com os cinquenta cêntimos que me restavam...



# 16

A mesma voz de sempre, deixei de ver as pessoas como sistemas sociais, como sistemas psíquicos individuais, de algum modo tornei-me um demiurgo, um taumaturgo, como Santo António de Lisboa, talvez por isso a minha sina seja chegar a casa um dia ou outro com um preservativo por abrir no bolso das calças. Uma americana pergunta-me se vou para um casamento, por trazer calças brancas (de ganga, ainda por cima, podia bem ter visto a qualidade do tecido, o que revela atenção à aparência e falta de sabedoria e observação) e uns sapatos brancos. Sim, vou para um casamento, com uma velha rica. Ah Ah Ah! De resto não me apetece dizer grande coisa, cansaço desta cidade onde me esforço e pareço afinal de contas um proscrito admirável. Quero estar na América, ao menos eles percebem a linguagem do Eros, talvez no sentido marcusiano. Só que eu não preparo nenhum crime, nem sequer sexual, dá-me a ideia de que nada pode correr mal porque tenho feito força, tanta força desde há bastante tempo que talvez me estendam uma passadeira vermelha para eu passar, digo eu. Pensei em voltar à filosofia e depois lembrei-me que aquele apenas se transmite de texto para texto, não de corpo para corpo, porque a literatura é rasca, na sua maior parte, vã, pura imaginação e delírio e eu estou numa onda eminentemente prática. Avesso ao dinheiro, vou gastá-lo todo num instante, em diversos *endroits*, parece uma fina e pura ironia ir para aquele país quando tenho tantas dificuldades em o fazer. Mas aí é que está o ponto de interesse, o desafio da coisa. A volta de sempre, sempre falando comigo mesmo, mandando uns piropos e não comendo nada, tenho um azar quase sacral, mas talvez seja isso que me aparta de sarilhos maiores. Havia de ir correr, mas não tenho vontade nenhuma de fazer esforço, queria fazer render um certo peixe que tenho na minha travessa. Um tipo passa-se com isto, mas nem sequer se pode passar, não vale a pena, enquanto a maior parte está entretida com artes cénicas, pictóricas e parangonas literárias, aqui um tipo preocupa-se com o sentido das coisas, das ideias e das pessoas e quanto mais carrega na filosofia para que mais desaparece ou se mostra oculto aos outros. É uma certa forma de desafio, de injustiça, que poucos tolerariam sem se tornarem ditadores, mandões, agressivos, violentos e injustos para com os outros, mas parece que a vida é feita disso mesmo, de

encontros e frustrações. Eu não estava preparado para isto, mas tenho de aguentar e de certa maneira aguento bem mais do que outros, pois por não ser ríspido e violento não há mulher que pegue, pois a maior parte das daqui são delicadas à superfície e por dentro só têm veneno. A maior parte, porque há sempre uma esperança na maioria, as drogadas, as putas, as amantes, por vezes têm melhores sentimentos que muitas oficiais de carreira que andam por aí nos cafés e nos clubes que no fundo sempre serão umas saloias que não se aguentam com o francês, ainda por cima trocistas que julgam que sabem fazer amor e mesmo que tenham ido à América nunca mudam muito a sua forma de pensar. Andaram em colégios de freiras e são mais putas que as mesmo putas, aquelas que recebem dinheiro. Mulheres? Gosta de intriga, de sangue, de morte, de crime, são umas perversas, vou casar com uma ecologista de direita, católica, é sempre a encher, ao menos vou beber água a uma fonte que nunca se esgota.

# 17

A sensação esgota-se desgasta o homem. Mas aproxima-o da vida, daquilo que ele é ou quer ser, por meio do desejo. Daí a sua perigosidade, torna-o como que um animal sensitivo, feroz, em vez, privando-o daquilo que ele tem de melhor, a sua racionalidade. Mas esta também é perigosa para ele mesmo, na medida em que o alheia do mundo em redor. O medo voltou, com ela a coragem, ensaio todos os dias uma forma de viver, de conviver, procuro não me fixar em clichés, em papéis sociais, ando pelos transportes como se transportasse a minha alma atormentada, entre o desejo e a opção de ser uma e outra coisa de Ser. As vozes voltaram, com elas a inquietude constante, a tormenta psíquica, que me massacram mais do que uma valente carga de porrada, que nem se quer mereço. Falam, disserta, tecem opiniões, no entanto estou só e ninguém fala comigo, me envia um sms ou fala comigo no facebook. Que se está a passar, comigo, com os outros? Os fogos grassam na região de onde sou originário. De uma maneira ou de outra, tenho saudade de estar no meio dos velhotes, sei que um dia vou morrer ao mesmo tempo que eles os dois, será mais ou menos assim, ou de outra maneira, não sei bem. Ensaio uma foram de sair à rua, apanhar ar, tomo umas notas no meu Bloco Azul, por vezes transporto ideias de um lado para o outro e isto nem me parece uma narrativa, muito menos um romance. Talvez esteja preso em mim mesmo, ou sempre tenha estado, daí o meu fracasso literário, apesar da vasta produção. Por outro lado, não estou no meio, estou na margem, onde sou único, surpreendente, genialmente absurdo, ou absurdamente genial, talvez. Fumo um cigarro, faço um café. Tenho a camisa interior de alças, como nos filmes americanos. Ando de um lado para o outro procurando equilíbrio psíquico, um pouco como os cães, para me ambientar, para sair, para sair de mim mesmo e esquecer, tudo ou nada, qualquer coisa, para que a alma possa respirar através do sufoco em que se instalou. Ao mesmo tempo, tudo isto é belo e engraçado, esta minha vida... De algum modo não estou a perder, estou dentro da *vox populi*, talvez esteja mais dentro do que alguma vez estive e penso que isso até é bom, belo, dá-me um ar de cosmopolita quadrado até engraçado. E a doença grassa como um tigre da

Tasmânia. Quanto mais azar tenho, mais me sinto inspirado, isso para mim é sinal de que devo continuar, até à perdição, até à danação existencial total, de modo a chegar à escrita perfeita, que na realidade nem sequer existe, de tão belo, complexo e grande que é o mundo dos que aqui estamos. Do lado de cá da vida, pois. À medida que avanço, mais medo tenho, mais conheço, mais progrido e Deus me abandona. O que se passa comigo passa-se também com os outros. Em termos científicos, isto é contextual. De certo modo a minha estratégia passa por domar a minha loucura, depositá-la calmamente na Caixa de Pandora de onde saiu, sob o signo da sanidade. Estou velho e experiente demais para me chatear, não sou nenhuma criança nem um americano sem história, sou europeu e sei fazer as coisas, sei para onde vou e o que devo fazer, não preciso de companhia, a minha jornada é mais do que uma odisseia, a este momento sei que superei muitos dos meus inimigos, muitos dos meus contemporâneos, mas prossigo, cada com mais afinco, pois tenho ainda muita coisa para descobrir, deste ou do outro lado. O que me espanta mais é que toda a gente me conhece e não me ajudam, apenas se surpreendem com o meu esforço e troça, troçam infinitamente, ao mesmo tempo que se róem de inveja. Muitos já foram, muitos hão-de ir, porém, a minha jornada é singular, única, apenas apoiada em mim mesmo e nos meus, por isso é mais bela do que a deles, é a mais bela de todas e geralmente não envolve reconhecimento nem admiração das mulheres, talvez por ser única não pede reconhecimento nem apoio. De alguma maneira, não é deste modo, que é, continuará sempre a ser, um mundo de violência gratuita, nada fazer e lucro, apenas lucro, isso indicia que as pessoas, na sua generalidade, estão violentas e viciadas em sistemas pré-determinados de pensamento, geralmente não se sabem pôr no lugar do outro, apenas procuram o seu interesse mesquinho, individual, e não olham para o interesse geral, global e para a repercussão que isso possa ter para os outros. Sim, estou pessimista, mas não desanimado, desanimado apenas com as mulheres, que são de fraca qualidade, sem portuguesas, espanholas, francesas, inglesas ou americanas. De alguma maneira continuo a cumprir papéis de personagens de certos filmes, muitas vezes estou cansado e olho em frente, o meu papal poucos o fazem, é de me assegurar de que está tudo bem (para os outros), de me certificar de que tudo corre na linha, não recebo nada por isso e aliás, toda a literatura daqui é jocosa, divertida, trocista e não resulta de grande esforço, quer mental quer físico, resulta talvez de grandes

vícios, a adoração das mulheres e a cocaína, o quotidiano torpe e sem significado vital. Numa palavra, aqui há pouca vida e o Tempo segue dentro de momentos.

# 18

Ainda estava por resolver o enigma da minha falta de mulher e não tinha apenas a ver para com a desconsideração que eu tinha face às que via pela cidade, mas com o facto de não ter uma profissão como as outras, fácil, agressiva, imediata, tinha também a ver, como disse acima, com o facto de também não ter carro e não dispôr de dinheiro suficiente para manter certas vidas, certos luxos que a maior parte delas exigia. Mas isso é uma conversa sem fim, é afinal o que todos fazem, o que todos tentam fazer. Mas também eu estava à imagem, perdendo uma certa vida, sacudindo aquela que me restava, não me queria transformar num monstro de desejo, de modo que optei por ser mais discreto, menos expansivo, talvez mais objectivo e contundente. De um momento para o outro, perdi o interesse. Gostava de estar ocupado com qualquer coisa de meu, qualquer coisa que não dissesse respeito ao mundo, fora do mundo, contra ele até. A minha mente estava atreita a uma dobra, a um pensamento insistente, porém, tinha de me aguentar com isso, não fazia tenção de tomar drogas, mesmo que fosse para melhorar a qualidade da escrita, pelo que persistia, talvez mais vivo e consciente do que nunca. Certas pessoas diziam-me que tinha de mudar, mas ante a loucura do mundo e dos que nele habitam e pululam, eu deixava-me estar. Mudar o quê, afinal de contas? Mudar para onde? Mudar como? Certamente, mudar o estado de espírito, esse seria o óbice mais complicado e menos óbvio, certamente; não é fácil fazê-lo, numa já certa idade, só, não conhecendo muita gente na cidade, porém eu continuava a fazê-lo, de certo modo sentia-me jovem, ainda que não houvesse resultados sobre a mesma coisa de sempre, ou seja, o conhecimento dos outros. O que me leva a pensar que, em certo sentido, mesmo em termos estritamente psiquiátricos, as doenças psíquicas são doenças sociais, doenças do social; noutra sentido, são virtudes, hábitos (costumeiros) de pensar, formas de entendimento que roçam a genialidade porque estritamente individuais, mentais, místicas. Sinto-me só, terrivelmente só. Passa-se qualquer coisa que eu não consigo entender, captar, sinto uma ausência mas vou mais adiante, de algum modo procuro perceber o que está simultaneamente dentro de mim, na espiral do meu espírito

e da minha consciência e o que está além de mim, acima, para cima, deslocado do meu espírito que se disturbe e contrai à medida que percebe, que entende. Vou mais adiante, sei que há sempre qualquer coisa além, mesmo que seja o Nada, com o Nada me entendo, porque, de uma maneira ou de outra, não sou daqui por agora, neste momento. Eu podia ter fim, podia ter visto o fim por diversas vezes, mas a minha história não tinha, de facto, fim, podia voltar a escrevê-la, continuar os seus enredos indefinidamente noutra vida, noutro lugar, sob outra forma ou aparência. Os meus intentos eram claro e claramente isto não era uma obra de literatura, nem de campanha política nem muito menos de promoção pessoal, profissional. Eu iria para a América com a ideia de ficar, de discutir por lá a minha tese e eventualmente ficar por lá dando aulas numa certa e determinada sociedade, universidade, quero dizer. Entretanto, continuava sozinho em Lisboa, talvez perdido. O meu amigo Víctor tinha-me dito que um dia me iriam pedir ajuda. Pois esse dia aconteceu, não o fizeram directamente, como homens, mas indirectamente, por meio de vozes. Se eu fosse deus, decerto que ajudaria, mas não sou. E eu deparei-me com um certo enigma em tudo isto: por um lado, a minha natureza altruísta, voluntariosa e até religiosa levava-me a acudir; por outro, tinha a minha própria vida para fazer, os meus problemas para resolver, é claro que nem desconfiava dos problemas dos outros, sabia vagamente que muitos estavam na merda, mas, diacho, pensei assim: então estiveram a gozar, inclusive comigo e eu a sofrer em tudo isto sendo gozado e maltratado e agora vêm pedir ajuda? Só a troco de muito dinheiro, muitas mulheres para compensar o tempo que passei sozinho sofrendo a maior parte do tempo. Depois, concluí: nada disso vale a pena, é melhor deixar as coisas correr, fazer o que penso fazer, com coragem e determinação, alguma vez e algum dia voltaria a ser feliz. Assim, embora me doesse bastante a cabeça, fumei mais um cigarro. Depois desse cigarro, defini claramente o meu plano: ir a Nova Iorque, acabar por discutir, de uma maneira ou de outra a tese, porque afinal só passara um ano desde que a redigira, increver-me num pós-doutoramento numa universidade em Espanha ou França e ficar por lá, num lugar ou noutro, a dar aulas, um bom par de anos. Seria um projecto ambicioso que me tiraria literalmente do Nada.



# 19

No entretanto, deixei de me preocupar com quase todo o propósito da minha vida, encontrar a minha alma gémea. Tinha menos forças, mas estava mais lúcido, o dinheiro era-me emprestado e não chegava para nada. Estava mais sábio, tinha passado por várias experiências, diversas em seu conteúdo e significado, experimentara muita frustração e falta de reconhecimento social, falava ainda de mim e nada mais assustador e derrotista para um escritor do que falar de si, a maior parte sempre tentou descrever o seu cenário mental, situações mais ou menos sociais, familiares ou não, fazendo precisamente desse uso descritivo o enlevo da sua prosa. Entretanto, enquanto uns se preocupavam com filosofias e dissertavam nas academias e na tv acerca do estado do país, este ardia dos pés à cabeça, de um lado para o outro, detrás para diante. A mim só me interessavam duas coisas: trabalho e mulher, mas nem um nem outro apareciam. Não tinha café em casa, mas de certa maneira estava já em Nova Iorque, numa espécie de New York State of Mind. Pelo menos era um Lisbon Sate of Mind. Enfrentava a minha solidão, muitos rumores se ouviam a cerca de mim, alguns comentários, algumas observações. Nem uma palavra de apoio, talvez uma ou outra, aqui e ali. A solidão era isso e eu continuava, sabia que de alguma forma não podia parar, fizesse o que fizesse. Não tinha planos especialmente traçados, claros e objectivos, para o meu futuro. A minha vida era uma chatice, dificilmente conseguiria encontrar uma mulher que me amasse, por ali, sabia isso, mas talvez tivesse sempre alguma esperança de encontrar, isso animava-me a continuar a sair de manhã, comer um pastel de nata e beber um café e talvez andar com apenas isso na barriga todo o dia. Eu tinha de tomar decisões sobre o meu futuro, estava de alguma modo reiteradamente preso a um passado que me perseguia como uma sombra negra sobre o meu espírito, tinha a ideia de vir a dar aulas numa universidade europeia, provavelmente na Suíça, em Nêuchatel, mas talvez preferisse ficar por Lisboa, entrar um pouco na noite, conhecer umas certas mulheres, umas mulheres certas. Afinal, tal como a minha mãe, estava preso à casa, sabia que dentro de meia dúzia o Rafé viria a ocupá-la talvez provavelmente sem mim, ou não, dependia, seriam estes os cenários mais

que prováveis, a minha mente viajava de um lado para o outro e apesar de ser mau, noutros países e sob outros pretextos e situações, sobretudo nos países do Norte, seria bem mais complicado. Não estava sendo covarde, apenas me sentia realista e cansado, um pouco cansado, precisado de renovar energias e não queria mais dar passos atrás. Na verdade, a origem do erro não está nos que me rodeiam, muito menos na minha mãe, nas pessoas que eu acabo de uma maneira ou de outra por insultar e maltratar, mas talvez esteja em mim mesmo, nunca tive grande capacidade para galar, para galantear uma jovem, talvez tenha perdido o chip dessa coisa lá por volta dos 13 anos e nunca mais encontrei, ando de um lado para o outro, às voltas, tentando encontrá-lo, numa espécie de corrida contra o tempo que é uma corrida em meu desfavor e isso enerva-me superiormente, o facto de ninguém gostar de mim, ao ponto de eu poder vir a tornar-me um sociopata (ilustrado), ou mesmo um psicopata sem carinho algum pelas suas vítimas. Nos EUA decerto que podia ser visto enquanto tal, mas na sociedade em que vivo, talvez mais sábia e adulta, ainda que também atreita às sensações que o cruzamento dos corpos e dos espíritos proporciona, passo, como outra, pelos pingos da chuva. Então, neste estado de coisas, Timberlake estava para me chatear, com o episódio da meia e tudo o mais, aliás, muitos tipos implicavam comigo. Na maior parte das vezes, eu sentia-me com isso, sobretudo por estar à margem, imagino o que seria se tivesse um ponto de trabalho. Por outro lado, não só pela primeira vez, eu tinha uma verdadeira vizinhança e não me estava portando à luz dessa possibilidade, dessa realidade, desde que deixara o Parque das Nações, ou seja, estava a comportar-me tal qual os ditos vizinhos que eu lá acusava de não serem vizinhos...

## 20

Mas, de certo modo, o suicídio e as doenças mentais não dependem inclusivamente do sujeito, ou seja, a sociedade, na maior parte das vezes, descarta-se das suas responsabilidades nos termos da integração do sujeito, do indivíduo, do actor social. Sim, os problemas mentais são uma questão social, um problema social, antes de serem um problema genético, biológico, porque o indivíduo é fortemente moldado pelo meio social, porque afinal, constrói sobre ele a sua personalidade até mais ou menos os vinte e cinco anos. Querer medicalizar a questão, não nos leva a lado nenhum. Por experiência própria, os hospitais são frequentemente lugares desumanizados, sem vida, onde se dá acento a esse seu papel "substancial", ou seja, acentua-se no paciente a ideia de que sob medicação irá proceder a uma alteração de comportamento, a uma alteração de pensamento. É o poder psiquiátrico no seu melhor, ao lado da indústria farmacêutica, ou seja, humanos a exercem poder sobre outros humanos na sua forma mais violenta e perversa, actuando sobre a sua menta, ora para a lavar, ora para a carregar de princípios que têm, normalmente, a ver com a ênfase no individual e no familiar, no social em certo sentido, no sentido da integração, não se importando a maior parte das vezes com o conteúdo do que é crido e o lugar o objectivos do paciente. Com tudo isto, eu percebia uma coisa e estava atento a diversas variáveis que se incluíam na minha vida: fazia cinco anos que não tinha namorada, quatro meses que havia comprado esta casa, de alguma maneira essas variáveis estavam relacionadas... Depois percebi outra coisa. As relações não são nada de especial, talvez tudo se resuma a uma química, a um ponto inicial, talvez tudo tenha a ver, na relação entre homem e mulher, com o dote, ou seja, na sociedade moderna, com a capacidade de trabalho, o status, o prestígio, para além de certos pontos em comum. Uma coisa eu sei, mulher só com rédea curta, para outros, para outro tipo de relações, interessa rédea larga. Eu sempre oscilei entre estas duas. Infelizmente, vivo num país que não me compreende, com uma certa mentalidade em relação à vida, conjunturalmente bastante pessimista. A mulher emancipou-se e dá cartas, mas quer que o homem permaneça no seu papel de macho sempre pronto, como se fosse algum

sinaleiro. Por outro lado, as exigências para que tenhamos sucesso, por parte dos pais, é grande e nesse aspecto a civilização ocidental tem muito que pensar e muito para aprender. Ensinam-se as crianças a terem sucesso e não a pensar, quiçá a duvidar, eis a maior riqueza do espírito humano, não propriamente para criar empresas e alcançar objectivos profissionais que definem um status. Isso é criancice, andamos toda a vida a esforçar-nos para provar algo aos outros quando o que temos que provar é apenas a nós mesmo. Eis uma sociedade habituada a olhar para o Outro mas que não olha para si mesma. Esses objectivos mirabolantes e que enformam uma sociedade virada para o individualismo e a economia de mercado acabam por truncar muitos jovens, que acabam por não viver devidamente a sua juventude. Olhem, como eu, que tinha intenção de estudar, ser o melhor nisso e com esta idade ainda vejo porno para me satisfazer, como aliás é natural, mas ando à procura da mulher certa e ela nunca mais chega e vou fazer um esforço para não me sentir frustrado com isso só porque a sociedade impõe que tenha de ter uma relação com alguém, sendo o esquisito que mora só, e olha, se vê filmes porno ainda bem, porque ao menos tem desejo, não está morto, continua a sua jornada. No fundo, percebi que estava profundamente só, estava sozinho em todo o meu pensamento, em todo o meu sentimento, cada vez mais só e cada golfada de vida era afinal um recesso, não tinha nenhum golpe de génio desta vez, não serviria de nada, não valia a pena esforçar-me a torto e a direito, de certo modo, continuava só fisicamente e isso era tremendamente atroz e desumano e de certo modo indicava de que era feita a sociedade em que vivia, uma sociedade artificialmente culta, bacoca, feita de lamechices sem fim e sem destino,. Na verdade, não só eu era culpado do que me acontecia, mas também os outros o era, provavelmente também eu era culpado de certas coisas que aconteciam aos outros e isso indiciava que estávamos, como eu estava, apenas vivendo em sociedade. Depois, percebi que era tarde aqui para mim, nada havia em Lisboa para mim, andaria de um lado para o outro como um corpo estranho, indiferente ao que me poderiam dizer, pois até agora muito pouco me haviam dito. Procuo não fazer nada e ao mesmo tempo estou preparado para fazer tudo, quase tudo. Avanço, recuo, adianto um pouco nos meus propósitos de vida, além das quedas e precipícios que contemplo, como se estivesse num sinédrio, no cimo de um penhasco a partir do qual contemplo a minha vida. Mesmo que tivesse sido grande e preenchida, nada me valia face à imensidão

do mundo, das pessoas, umas que troçam outras que se admiram com qualquer coisa que tenha feito cuja dimensão ainda não consegui facilmente discernir.

# 21

Pensei em desistir. Sim, desistir. Seria o mais fácil, afinal o sucesso, para além do sabor da vitória, só causa problemas. Depois olhei para os outros, para o passado, para as mulheres, para o facto de estar falido e isso levou-me a continuar. Afinal é o meu trabalho e ainda que sinta desencanto em relação às mulheres, tenho de dar um tempo, sei que sou dos mais fortes e essencialmente o mais forte não é o que tem, por vezes encontra-se mais posse na ausência de um corpo, na distância do espírito até. É doloroso, também o é esta escrita progressiva. Talvez algo que ainda não tenha sido feito entre nós, talvez seja mesmo algo de bastante motivador, para mim e para os outros, ainda que canse bastante e cause desencanto. Por vezes penso que estou apenas a reproduzir formas de pensamento e acção contidas em diversas películas, americanas ou russas. Mas não, estou a misturar isso tudo para obter um certo e determinado resultado. Depois, nesse fim de tarde fui mais uma vez até ao aeroporto, onde percebi que as caixas onde colocamos o dinheiro para um café, por exemplo, assemelham-se às das igrejas, as caixas da alminhas, nesse sentido talvez tenha percebido que talvez seja o dinheiro que marque a passagem do estado de natureza ao estado de cultura na história do homem, da humanidade, da sua humanidade e não propriamente a linguagem. Depois do dinheiro, o homem descarta-se da pesada responsabilidade de caçar para sustentar família e a própria mulher se emancipa ao ter acesso ao mercado de trabalho. Aí começa a verdadeira civilização ocidental e por mais que leia Osho não o consigo perceber, na verdade talvez ele tenha querido apenas desconstruir a civilização ocidental e seus vícios, mas isso também se encontra na oriental e nomeadamente no pensamento de Osho. Reduzir-se-á a experiência humana, então, ao simples exercício do corpo em termos de cidadania e sexualidade próprias, ou seja, através da volatilização do desejo e consequente depressão face às coisas do espírito? Eu creio que o segredo do desejo e da transitoriedade a ele associada está verdadeiramente no corpo, é claro que há finitude, incompletude, mas o corpo não deixa de ser corpo, ou seja, pelo exercício da repetição face à sua disponibilidade reiteramos a própria finitude e talvez assim consigamos a

imortalidade, não apenas nos céus, no transcendente, mas dentro da consciência dos próprios homens.



## 22

Depois, percebi que esta coisa do anúncio do quarto para alugar era tudo uma tonteria, em certo sentido por preconceito face a mim. Não sentia a mesma atracção e desejo que antes, mas puxa, tinha 47 anos, podia dar ainda muita queca, trabalhar, namorar muito ainda. È claro que estaria até disposto a ceder o quarto a quem se envolvesse comigo, provavelmente ela poderia dormir comigo no quarto grande, não lhe pediria de certo dinheiro, podia dar algum, nesse sentido as miúdas daqui era pouco liberais, talvez fosse melhor desistir de tudo e dar-lhe razão, estas mulheres, nomeadamente as americanas, quando nelas confiamos e damos espaço acabam por perder o interesse, a paixão, quando as sufocamos com problemas também acabam por se fartar, hoje em dia a mulher deslinda-se facilmente de uma relação, quando vê que não há perspectiva ou dinheiro envolvido, porque a sua emancipação é recente, ela está com a força toda para fazer vingar os seus direitos mas quer ainda um macho com ela, não um molde de plástico para acolher todos os seus desejos e sonhos mais selvagens. No entanto, há quem já faça mulheres robô, porque para alguns, as reais não satisfazem certos homens, a isso se chama vício ou mania das mulheres, eu por exemplo, não tenho animais de estimação porque ainda confio nas pessoas, em todas as pessoas, mesmo naquelas que me dão bofetadas e mandam bocas, talvez seja defeito o ingenuidade, mas sou mesmo assim, encontrei-me várias vezes com a morte e isso só me levou a amar a vida acima de todas as coisas e ser bondoso, como se fosse um franciscano. Além do mais, aprendi a viver com os meus achaques mentais, dobras, dobradiças, plis tudo o mais, sabendo que uns têm mais outros menos do que eu, portanto não era o último da fila nem tinha pressa extrema de ser o primeiro, continuava a ser quem eu era e de certo modo algum do meu comportamento explicava-se pelo facto de o poder aportar à realidade em que vivia devido a essa realidade (social) mo permitir, por assim dizer. Então, lembrei do livro de Alfredo Margarido, de que não me lembro o nome. Que é feito desse brilhante homem? Foi, na verdade, a moeda que modelou a passagem do estado de natureza ao de cultura, como dizia Marshall Sahlins, ou seja, o homem passou a dispôr de um mecanismo que lhe permite autonomizar o seu espírito face à realidade

(social ou não apenas) e lhe deixou absolutamente margem para a especulação, sendo que se pode ainda ver a relação entre estado de natureza e estado de cultura quanto há felicidade experimentada. Quando se alia a moeda à linguagem, eis então o homem perfeitamente autonomizado e ainda, no entanto, em relação, de certo modo, com a natureza, a *natura naturans* e a sua natureza (humana). Talvez a minha tese não seja nada por aí além, gostaria que fosse a melhor tese em ciências humanas de sempre, mas, em termos temáticos, esteja apenas a estudar a relação entre natureza e cultura, ou seja, identificando a antropologia enquanto natureza e a filosofia enquanto cultura, relacionado o saber iletrado com o saber letrado, a escrita com o pensamento, a reflexão com a acção, a teoria com a prática.

# 23

Outra descoberta talvez crucial para a passagem da natureza à cultura e que intermedeia toda a vida social de todos os tempos terá sido o banho, ou seja, a ideia de que a água não é apenas para beber, mas que se pode usar para limpeza e higiene do corpo e tal tem sobremaneira a ver com a sexualidade, ou seja, uma regulação da sexualidade ajudou o homem a progredir no meio social e ambiental. De resto, não percebi bem o que se passava comigo, tinha conhecido uma pessoa há uns dias e desde logo ficara ora entusiasmado ora desiludido, tinha que lidar com um bloqueio mental para sair naquele fim de tarde e beber um café, talvez não me apetecesse sair, talvez estivesse desiludido com o local que escolhera para habituação, tendo passado há muito o tempo de habituação. Mesmo assim, tinha alguma sorte. As pessoas não implicavam comigo, mas também não me entusiasmavam, muitas ficavam surpresas ao ver-me vivo e de boa saúde. Nos piores momentos, lá aparecia o telefonema da Domus Justitia para me incomodar, sobre as dívidas que ainda tinha, mas sob o argumento de que não podia pagar, desviava-me ou ignorava o assunto, o telefonema, o que quer que fosse, para poder continuar com os meus projectos, a Universidade e tudo o mais, ainda que só dispusesse de vinte euros por dia, ainda para mais dados pela minha irmã. Depois, decidi que quando recebesse a pensão iria ter a Castro Daire visitar uma amiga, passar lá umas noites para lhe dar algum carinho e mais alguma coisa. Depois, tomei duas resoluções, dado ainda não ter ninguém para morar comigo, amando ou não: dois anúncios nas revistas femininas e contactar a Beatriz Gosta. Ganhava de novo alento na minha escrita depois de tanto tempo a baixa pressão e exclusivamente centrado em mi mesmo, autocentrado, diz-se. Então, nessa noite revi o texto do pós-doutoramento, não sabendo ao certo se teria de produzir algum, talvez a frequentar um um dia destes. Revi também os três livros que produzi, no espaço de meia dúzia de meses, depois disso, enquanto trabalhava já numa quarta novela, que cruzava vários géneros e vários registos. Cansado mas não derrotado, ansiava por estar com Jenny, mas não sabia ao certo se ela me queria. Procura ainda no escuro silencioso da noite uma companhia, nem que fosse por

umas horas, por um par de dias, para conhecer, para falar, para sair, para namorar, a ver...



# 24

Entretanto, de tanto andar e gastar, fiquei sem internet, sem telefones e sem têvê, ainda vai durar uns dias até que restabeleça a ligação, a não ser que a Sam me pague uma das duas faturas atrasadas. Depois, à medida que isso acontecia, divertia-me ainda mais com este teclado preto e guardava um tempo para relaxar, descomprimir e abalançar-me em novos projetos, tais como *Uma Teoria da Sociedade*, que podia ou não agregar à tese. Depois, o segredo da vida feliz está certamente na ideia de não nos desafiarmos demasiado com as coisas e os acontecimentos do mundo, não pormos ultimatoss a nós mesmos por toda e quaisquer razão. De qualquer modo, estava fazendo uma pausa, não estava de todo falido e desencorajado, sentia que qualquer coisa de importante podia acontecer, estava farto de escrever livros vulgares que não vendiam nada, talvez devesse mesmo desistir de escrever e dedicar-me à pintura ou à fotografia, mas, teimoso como era, andaria para sempre enredado em palavras. Foi então que pensei que deveria prosseguir as minhas investigações no domínio da antropologia filosófica, online e em bibliotecas, era uma forma prática de estar ocupado e exercer alguma terapia. Sentia que, de algum modo, as miúdas estava longe de gostar de mim, talvez tivessem e sentissem simpatia por ser um tipo fiel e que cumpre, nem sequer era uma questão de dinheiro, talvez o meu tempo estivesse passando e eu tentaria resistir com todas as minhas forças, mas não creio que fossem essencialmente esse o meu problema, a questão é que eu estudava coisas que poucos entenderiam, enredados nas suas vidas pretensamente atreitas a crueldades de vários géneros. Isso fazia de mim um tipo distante e de certa maneira inacessível. Enquanto ouvia o mais recente êxito de Pink, pensava, isto não é uma vergonha, mas uma pouca vergonha, olhando para a minha situação, era preciso ser-se egoísta ou violento para se conseguir um intento de singrar socialmente? Na verdade, tinha deixado a antropologia e a filosofia para trás, há anos que andava com isto e nem sequer tinha perspectivas de discutir a tese tão cedo, o que daria acesso a dar aulas, no secundário ou no superior. Mas não sei, tinha muitas hesitações, queria deixar ir a minha vida ao leme, sem rédeas, sem controlo. Talvez assim conseguisse qualquer

coisa. Estava rejeitando a sociedade em que vivia, depois de muito tempo, mas mesmo assim o que mais me animava era a vida social, nela encontrava sempre motivos de alegria, contentamento e boa disposição. Não sabia ao certo se ficaria nos EUA, não sabia de iria num dia e viria noutro ou se ficaria, uma semana, duas, seis meses. Talvez nem sequer fosse, ou fosse daqui a mais algum tempo. Mas sentia-me bem, em vários sentidos, mesmo filosoficamente, ainda que não estivesse afectivamente preenchido. Jenny não ligou, nesse dia de fim de Outubro. Talvez fosse uma pessoa parecida comigo, que sofreu e encontrava sempre motivos para viver, como se tivesse libertado de um abafado debaixo de água. Entretanto, como estava confinado à casa nos meus pensamentos, percebi o mundo que havia perdido, um mundo de viagens e aventuras sem par, por isso talvez resolvera enveredar pela filosofia, tendo espaço para reflexão nos termos de uma circunscrição limitada à cidade, ao país. Aguardava por uma moça para alugar o quarto. O meu intento não era mesmo alugar, ou talvez sim, não sabia bem ao certo, mas falar com uma pessoa que estivesse disposta a viver comigo, por isso mantive o anúncio do aluguer. Já faziam canções sobre isso, sobre muitas coisas que eu fazia e sentia, mas não me importava de todo, a fama e o êxito (segundo Lilly) trazem dessas coisas, atenção, das pessoas na rua e dos media, era natural. De certo modo, há que prever os ritmos da vida. Nova Iorque nunca dorme, mas as consciências entrelaçam-se em obediência ao Eros. Numa cidade como Lisboa, o ritmo é distinto, à escuridão segue-se a luz talvez mais luminosa e estridente que a da *big apple*. São ritmos, é vida, a vida. Em situações diversas, sou encontrado a escrever, agora mais uma vez, a propósito de tudo e mais alguma coisa e de certa maneira para ocupar o tempo, também como cura para os males do meu espírito a propósito de palavras, em português. Depois, percebi que os vícios do tabaco e do porno intensificavam-se com as euforias e os momentos depressivos e que a história dos americanos reflectia tudo isso, ou seja, uma personalidade social que oscila entre a depressão (reconhecimento do Eu não sua finitude) e a euforia, ou seja, uma forma de deslocamento face ao real.

No fundo, a questão da vida, do destino do homem, não é mais do que aristotélica, ou seja, no sentido mais profundo da sua existência, o homem apenas procura não Ser, mas um lugar, que pode ser um lugar de pertença ou exercício dos sentidos e do sentimento num determinado sítio, seja virtual, seja real. Por vezes estamos demasiado tempo num determinado lugar e descobrimos o encantamento de aí estar mudando de ora de lugar para um lugar próximo ou mudando de atitude, aprendendo a ver as pessoas e coisas de outro modo, longe dos paradigmas e estruturas, que sempre fazem falta, em certo sentido, tomando como nosso um destino e tarefas talvez mais responsáveis e altruístas, porque não, aprendendo também a rentabilizar saber acumulado.

# 25

Há muita gente que não tem escolha, que não tem uma aldeia para refugiar a alma cansada das relações e dos problemas da vida citadina e moderna. Muitos estão pior do que eu, nesse sentido Portugal é um país livre talvez, exceptuando a Inglaterra, o mais livre da Europa. O que não quer dizer que possamos fazer o que quisermos, antes pelo contrário. Então, naqueles dias de Outono, ainda me debatia com a possibilidade de ter um trabalho das nove às cinco, como toda a gente, a minha irmã continuava a ajudar-me e eu resolvi levar adiante o propósito de alugar o quarto na nova casa. Conheci várias pessoas pela internet, mas minha força de vontade estava desfalecendo a olhos visto, talvez fosse a austeridade da minha vida que me conservava certos pensamentos mais ou menos determinados, uma fé feita na falta e no sofrimento. Estava-se bem, ali naquele canto, mas eu queria mais e mais, queria eventualmente um envolvimento com alguém, fossem quais fossem as consequências, por afinal era tudo isso que eu estava à procura. Entretanto, o segredo dos actores talvez seja apenas e tão somente, sentir como ninguém sente, sentir e sentirem-se eles próprios em todas as suas dimensões espasmódicas, interna e externamente. Sim, estou, ao fim de tanto tempo, falando resolutamente de mim, ainda de mim, de mim e da filosofia, ou seja, de mim dos outros e do mundo. De repente, estava desistindo de tudo, embora não desistisse de tudo, tinha algumas coisas a fazer, acabar este livro e continuar *Uma Teoria da Sociedade*, continuando a passá-la para computador. O amor tem destas coisas, é como as enguias, quando o tentamos agarrar ele acaba por nos escapar, por mais força que façamos, por isso tem de ser levado com jeito. Depois, conheci uma tipa que me pareceu estar bastante deprimida, aflita até, mas não queria dar a parecer, estava farto da má-disposição da tipa e não aguentei mais, desliguei-lhe o telefone na cara. Ela continuo a ligar e depois, como se não atendesse, acabou por enviar uma mensagem, dizendo que eu era "doente", que devia de me tratar. Interpretar iso? Acaba por desaparecer numa zona escura da mente, sempre voltando um dia ou outro para me chatear.

Em certo sentido, vou percebendo uma ou outra coisa acerca da vida, sobretudo através das pessoas que mais me são queridas e não desiludem. Outras se acrescentam ao nosso universo, como se estivéssemos, de algum modo, a caçar borboletas num cenário de selva tropical. Fumar ou não fumar, sentir ou não sentir. Não é tudo a mesma coisa? A experiência do poeta, do pintor, não é de algum modo anulada no momento em que se vai?, ou seja, não vale a pena tanta pressa (enquanto vejo as pessoas com enorme pressa), eu próprio tenho pressa do sucesso e do reconhecimento e arrisco a saúde para chegar a tal fim, No fundo é a questão (filosófica, obviamente) se os fins justificam os meios. Por outro lado, ensinado por um jovem, depreendo que as minhas ideias, por estar ao lado das dele, são igualmente viáveis, no sentido economico-filosófico. Assim, vivemos no fio da navalha, de uma lado para o outro, de trás para a frente, escarafunchando no escaravelho da memória de paisagens que nos ocupam a mente, no final do filme delas talvez se encontre uma cena de lavoura, como no quadro de Van Gogh, se não me atraiçoa a bucólica memória. Assim, ainda que pouco ensinados pelos sentidos relacionados ao corpo, aprendemos mais um pouco e vamos mais um pouco adiante. Na frente do caminho.

Finalmente, depois de quatro meses de simultanea espera e procura, tinha uma mulher em casa. Mas não sabia exatamente o que fazer, em que sentido seguir. Uma mulher bonita, inteligente, culta, mas eu estava embrutecendo e teria de ser ela a ajudar-me a reverter esse processo, como se estivesse numa máquina do tempo, num cenário de Wells. Ela controlava os meus passos, os meus avanços para o seu corpo, eu interpretava isso como uma forma de ser, não acreditava ter alguma espécie de estratégia, talvez tivesse ou isso seria até legítimo. Encontrara no seu filho um mestre da diatribe, conhecia portanto duas pessoas que pareciam ser meus amigos desde a infância, para não enganar... Chegava de novo a Lisboa, depois de alguns dias em Riachos. A discussão com o meu pai era permanente, mesmo que eu tentasse sempre agradecer-lhe, de modo que vim embora, magoado com a Faculdade de Letras, os seus professores, com o ISCTE e a FCSH por ainda não ser nomeado professor provisório, por exemplo. Procurava não delirar com coisas mais ou menos impossíveis, sabendo que todo o bem que se sonha acaba por acontecer, nesta ou noutras vidas, quer as tenhamos quer não.

Quem fuma acredita na outra vida, quem não fuma concentra-se nessa e talvez desapareça para sempre na hora da sua morte. Cheguei a casa e tratei da aparelhagem da Nina, da tv, do gato, pendurei uns quadros no seu quarto, fiz uma reparações. Depois de muito tempo, sentia-me feliz e com vontade de não dizer nada a ninguém, era tempo de agora eu ser feliz e durante muito tempo, suspeitava. Bebi um vinho, ainda que só, coloquei um disco de Chris Rea, *Auberge*, e deixei o som irromper pelo corredor que conduzia à sala onde trabalhava, provavelmente, ainda que sem financiamento, em *Teoria Geral da Sociedade...* Entretanto, liguei A Nina. Pareceu-me não se sentir minimamente atraída por mim, talvez eu estivesse preocupado com o estereótipo da mulher em casa e tentando agradar-lhe, sem estar á vontade diante dela, que era um pouco mais velha do que eu e bastante experimentada, pois tinha dois filhos e havia casado por duas vezes. A gatinha não tinha ainda vir ter comigo, como ela dissera que aconteceria se eu estivesse sossegado. E eu estava, mas...nada, e eu que tanto percebia de gatos como de cães, o meu signo chinês era cão, precisamente, talvez por isso a gata não gostava de mim, mas também não me ostracizava nem se rebelava, apenas estava no seu reduto, na sua zona de conforto, não creio que tão pouco tivesse medo, apenas estava ali, atenta à vaguez do tempo, como que vê televisão, absorto. Eu, continuava, depois de tanta coisa que acontecera, na minha vida e na de outros, conhecidos ou não, espantado por ainda não me terem dito nada na Faculdade de Letras, no ISCTE ou na FCSH, mas não insistia, deixava arder o tempo, como a vela ao lado de mim e dizia a mim próprio que teria de comprar mais velas, pois viria aí um Inverno rigoroso...Pela primeira vez em muito tempo, entrei na igreja de Riachos, ou Vermoil (todos sabem, mais ou menos, que uma é a outra) depois de ter já entrado na do bairro onde vivo.



# 26

Não sabia o que tinha de escrever, não sabia o que tinha para escrever, toda a ilusão de amar se desfazia de um momento para o outro, não que eu exigisse, mas porque seria assim, de um modo para o outro, de um lado para o outro, situado nas minhas instâncias filosoficamente racionais, relacionais. E assim, dava uma certa impressão do mundo, a minha impressão do mundo, o mundo que entrava pelos olhos adentro. Tinha uma ténue centelha de esperança para escrever um ensaio de filosofia tendo por tema o sublime e sua relação com a arte mas, nos interstícios das percepção, acabava por agendar três ou quatro coisas essenciais e deixar passar o tempo com as imagens da televisão diante da minha retina.



Desde que entrara pela primeira vez na casa onde agora habitava, prescindira totalmente do sexo, na verdade não tinha conseguido conquistar ninguém, mas por uma vez, ao fim de quatro meses, não aguentara e tinha ido de novo às meninas, de certo modo tal podia ainda acontecer caso Nina não me desse atenção, ela esquivava-se ao meu contato físico e eu receio bem por desconfiança face à minha saúde, podia, embora a hipótese fosse mínima, ter AIDS, mas eu sabia que tal não era verídico, embora não o pudesse provar, mas sei que nessa última relação me havia protegido. Eu sabia que a minha reputação, fama até, tinha subido bastante, a pontos nunca imaginados, mas não trabalhava essencialmente para isso, ou trabalhava, mas procurava estar entretido com coisas simples, nem dava demasiada importância à retórica filo-antropológica pela qual não dei rédeas nos últimos meses. Ainda assim, mesmo não tendo ainda dinheiro para discutir a tese, eu estava desiludido com os humanos, decidi esquecer as relações sociais e enveredar pela filosofia pura, mas não podia porque esta me impediria de chegar ao amor humano. Pensei então em retomar os estudos de etologia e sociobiologia, talvez fosse apenas isso que estivera fazendo o tempo todo. A minha saúde, frágil depois de um ataque cardíaco e princípios de um AVC, continuava periclitante. Não me arrependia de ter sido seis ou sete vezes internado, sabia muito, sabia que não sabia nada, sobretudo face ao que podia saber. Entretanto, tinha um desejo latente de fazer amor, estava deixando o vício do cinema, se é que alguma vez o tive, às tantas usava essa forma de estimulação porque não tinha namorada à altura, talvez nunca tivesse procurado o bastante, mas também não tinha grande dinheiro, nem sequer carros, nem sequer o forrobodó dos amigos, afinal de contas, sendo antropólogo, é lícito pensar que seria bem sucedido nos mais diversos aspectos da vida, mas isso não acontecia, o meu génio literário acabou por resvalar para a filosofia, uma forma genial de filosofia que acabava, que desembocava na solidão, dia após dia, noite após noite. O meu corpo cansado acolhia a mente retorcida na cama grande da casa de Lisboa e eu entrava na noite procurando emprego na internet, porque, afinal tinha uma pessoa morando comigo e

não podia embandeirar em arco, tinha de me sustentar, eu que tive seis ou sete internamento e que me vira quase morto nas mais diversas ocasiões. Era isto tudo a propósito? Era isto tudo sobre mim? Então porque ninguém me ligava? Porque ninguém falava comigo abertamente? Pouco antes de morrer, o meu amigo Frankl confessou-me o mesmo estranhamento e bizarros entranhamento das coisas do mundo. Das pessoas, essencialmente. Eu dava demasiada importância às pessoas, talvez não o merecessem, porque afinal a mim ninguém me ajudava. Seria este o sortilégio da cidade? Seria o país apenas uma (grande) cidade? Eu continuando a falar de mim mesmo, como que desenvolvera uma dupla personalidade, o ego como que falando com o superego e eu achava que isso tinha a ver com a minha solidão no sentido de que há cinco anos que não tinha namorada, provavelmente tinha uma ou duas mulheres por ano, depois masturbava-me uma vez por semana. Não via nisto qualquer doença, fosse tara fosse o que fosse, talvez fosse, juntamente com o visionamento de sexo, qualquer coisa de muito saudável, até. Eu ou os outros, alguém estaria errado, a minha alma permanecia por aqui, outras vezes noutros lugares muito longe daqui, mas o meu corpo parecia não ser daqui. Já agora, nas Índias, o sexo é visto como algo de sagrado, não pecaminoso, como por cá...

Não tenho problema algum com a verdade. Não tinha problema nenhum nem nunca tive em me pavonear com a minha namorada; talvez pudesse até casar, pudesse até ter um filho ou dois. Mas a abrangência das minhas qualificações talvez não se admitam no contexto em que vivo e talvez seja demasiado sincero para ser um professor pretensioso e cioso do seu saber. Acontece que não aprendi a cortejar as mulheres e o que aprendi, perdi. Gosto delas todas, de uma maneira ou de outra, talvez por isso, como os padres, não ame nenhuma em particular. Isto não é uma defesa para as minhas faltas. Sou eu tentando dar um sentido às coisas, aos acontecimentos, talvez ainda só, quem sabe talvez acompanhado, não subindo demasiado as expectativas, não querendo fazer tudo sozinho, ainda assim com um certo prazer do silvo, do guilho do escrever. Enquanto via *O Homem Invisível*, notava que os trabalhadores do prédio ao lado não haviam parado de falar de mim, isto durava há dias. Estava para lhes dizer alguma coisa, era mesmo ao lado, da parte de fora, de onde eu estava, incomodava bastante, mas eu procurava conter-me, havia já falado bastante nessa manhã. Depois percebi que o destino da minha família melhor se realizaria estando eu longe e ansiava por momentos, ainda, ir à América, ir para a América. O que despertava nas pessoas essa vontade de falar de mim, a torto e a direito? Decerto que não era em todas as pessoas, era nos vizinhos e eu quem de uma maneira ou de outra se cruzava comigo? O facto de um doutorando em filosofia se masturbar? O país, nesses tempos era mesquinho, e eu estava perfeitamente dividido entre construí-lo, reconstruí-lo, e criticar ou deixar passar como faz a maior parte, dar apenas atenção ao meu particular interesse...talvez por isso, por ter bom coração, não tinha singrado na filosofia, na antropologia, tenha sido posto de lado em diversas candidaturas de emprego, em oportunidades diversas. A culpa da minha situação não era só minha, na verdade tivera poucas ajudas, mas não estava especialmente preocupado em vingar à força, para mostrar a quem? A uma parede? A quem olha uma parede, *à lá américaine*? A coisa não ia por aí...Ainda assim, estava no meu cantinho, esgrimindo para mim próprio argumentos diversos, falando de cá para lá, tirando da felicidade futura a

vontade de permanecer ainda deste lado, do lado de cá da vida. Afinal, a minha tarefa não era diferente da do padre, do professor, do músico, do psicólogo e de tantos outros cujas profissões teriam a branda e espinhosa tarefa de compreender os outros, de entrar na sua mente, porque afinal era disso tudo que se tratava, da mente, e remediar qualquer coisa, obviar a lacunas, preenché-las para que uns e outros fossem ao mesmo tempo mais iguais e mais diferentes, cientes do Outro e da sua própria individualidade num determinado contexto, embora soubesse que quando se permanece demasiado tempo no mesmo contexto, as fugas acabam por acontecer, qualquer coisa acaba por correr mal. Podia, obviamente, estar fazendo campo em África, na Ásia, mas não, nem sequer me sentia, naquele dia, antropólogo, pois talvez não tivesse jeito para obviar ao meu próprio prejuízo, coisas que eu trabalhava todo o dia e que procurava resolver dentro da minha cabeça para que na realidade fossem de alguma maneira alteradas. Eu tinha as minhas falhas e eram de certa maneira algo graves, mas nada que comprometesse algum papel social no contexto da minha vocação. Tinha endurecido quanto às críticas, sabia perfeitamente bem estar em público, entre as pessoas, era humilde, embora tivesse grandes ambições, por vezes era até extraordinariamente cómico, o que me fazia ser útil, verdadeiramente, à sociedade. Fazia e dizia certas coisas porque de certo modo estava sendo injustiçado, não iria persistir mais nas coisas que tinha a fazer, não tinha de insistir, talvez pudesse dar mau exemplo, no fundo o meu comportamento era moldado pela imagem que eu queria fazer passar, sendo deveras um sacrificado, porque era simultaneamente actor social e cientista social, gostava do jogo do social, deslocara-me dele para longe e dentro de mim entra quatro paredes e voltara com vontade e embora estivesse um pouco farto, sabia que alguma coisa iria acontecer, de certo modo refugiava-me numa certa ideia de banalidade, escondia-me atrás dela, tal como usava a literatura como arma de arremesso, tendo perdido toda a poesia da coisa. Ainda assim, acreditava ainda no amor, nas mulheres, isso me fazia ir adiante e me dava vida, me fazia persistir e subsistir, embora com pouco ganho, tanto afectivo quanto económico. O meu futuro era incerto e eu esboçava o sentido dele em mim, prometia abandonar a filosofia, mas meia volta depois, acabava absorto no meu de uma obra de Heidegger ou Mariás...Sinceramente, e isto não é poesia nem literatura, estava bastante farto da situação, aguentara como um verdadeiro herói nesta cidade, nada compensaria a minha

infelicidade e angústia nem sequer alguma vez fui uma pessoa de realizar as coisas com atraso, aquela cidade sobre a qual e na qual escrevia havia sido bastante ingrata para mim, sabia bem que podia estar pior que muitos, melhor que alguns, mas sentia uma espécie de indignação face ao que havia conseguido. Enfim, é uma história sem fim, um choradinho? Não creio, é só uma história à falta de outra, com outros personagens que não eu. O meu problema e mérito em tudo isto talvez tenha sido ser, a maior parte do tempo, um tipo demasiado óbvio, normal, banal, mesmo e sobretudo em termos filosóficos. Porque sentia, em todo o momento, a humanidade em mim. Por isso talvez tenha sido um playboy tardio, em certo sentido, ainda com desejo de cumprir e conseguir algumas coisas, alguns desejos. Sim, na verdade, ainda desejava, a minha vida era como que um livro aberto, por isso persistia, como poucos, nesse intento, na vida, na minha vida. Entretanto, esperava por Nina e Grácio...



# 29

Depois, porque fazemos certas coisas sem pensar? Porque fazemos certas coisas pensando demasiado, acabando por fazê-las à pressão? Porque fazemos certas coisas simplesmente porque achamos ou pensamos ou ajuizamos (erradamente) que é o melhor a fazer naquele certo e determinado momento? Acima de nós várias considerações filosóficas, abaixo de nós a obscenidade, quando muitos a desprezam, alguns a consideram de certo modo considerável, ou seja, exactamente aquilo que mais nos faz divertir e dá gozo, seja a reprodução seja a recriação através do sexo, é justamente aquilo que mais intriga e interessa a pessoa humana. Sim, naquela altura, eu não era nem português nem francês, mas talvez espanhol, era uma certa forma peculiar e única de ser espanhol. Logo, por que temer? De que coisa ter receio se havia franquiado inúmeras e difícilíssimas portas tanto na especulação como na ciência através da ciência da especulação? Depois, perdi a noção das vezes em que sem sentido me preocupei comigo mesmo, perdi o sentido da poesia, pensando que alguém algum dia me iria ler extensivamente e assim fui chato e extensivo, tive saudade dos tempos em que convivera com os meus diversos personagens e de certo terei errado ao embarcar numa trip em que importava com alguma exactidão ser o mais desgarrado possível, porque afinal o que mais existe neste mundo são amores impossíveis, talvez vivamos nós num dilema perpétuo entre carne e espírito e de certa maneira ensaiamos por descrever a vida, como bem poderia ter escrito estas palavras se sequer saber escrever, antes do flash de noites incertamente redundantes. Depois, percebi que o espírito divina das coisas humanas estava no dar-se a si próprio no momento certo., de algum modo entendi que me estava enterrando cada vez mais e mais e tal não fazia sentido nenhum quando o que fazia sentido teria sido essa época difícil, a adolescência, sobrepujada à infância, altura em que entramos na vida adulta e procuramos ser e saber quem somos e mesmo assim a simplicidade genial das coisas nos parece estranha, pelo que tarde percebi que o estranhamento e entranhamento do mundo pode parecer coisa perigosa, ainda que o espírito da coisa desgaste o corpo, ainda que não percebendo entendo como as diversas

formas que o meu espírito assume ao regressar a si é a forma como ensaia sair de si mesmo e mesmo que esteja enganado persisto, como se me redimisse de alguma coisa, como se as vozes que ecoam dentro do meu crânio não fossem mais do que meros grilos entabulados com grilhões, como se a palavra que à literatura pertence fosse um lenitivo para problemas sociais, porque todos temos, bem, nem todos, mas ainda bem alguns de nós têm o sentido do certo e do errado e que ainda que não buscando, alguma coisa de bom encontramos neste mundo que nos leva a ficar ficando, restando, arrastando, ainda que devendo em algum dia ficar calados, vociferemos em defesa de qualquer coisa como um murmúrio gutural.

# 30

A beleza da vida, da biografia, o segredo do artista (“artiste”) reside de alguma maneira em fazer-se feliz quando não tem motivo algum para isso. Será ingénuo? Será optimista? Será mesmo um construtor de possibilidades, incautamente. Tanta coisa tinha para dizer naquela noite, que me pareceu desnecessário dizer alguma coisa, tudo depende em certo sentido do contexto, talvez quisesse apenas pensar vendo televisão ou deixar correr desalmadamente o pensamento como em pequeno, sim, tudo se resumia a uma perspectiva freudiana da coisa, por vezes é demais estarmos em silêncio enquanto alguém dorme e afinal de contas este é apenas um livro perdido entre inúmeros e incontáveis brilhantes livros, romances, narrativas, seja o que for. Ainda assim, mesmo que este linguajar me parecesse forçado estranhamento, eu tentava persistir, fazendo sentido no meu quarto escuro entrecortado pela luz da rádio, sabia que a este ponto não chegaria a lado algum, como se escrevesse uma autodefesa judicial, como se me procurasse justificar de alguma coisa, quando outros não pedem licença para coisa alguma e tal me parecia simultaneamente belo e assustador e reconhecia no reconhecimento do meu corpo um sentido para alguns dias seguintes, é claro que mais adiante conseguiria falar de um ou outro personagem, de um ou outro enredo, ainda que as mais belas histórias sejam apenas e tão-somente maravilhosamente histórias de viagens. Tinha, desde os tempos do jornal regional, o defeito de não me referir a nomes, talvez fosse defeito intelectual, talvez fosse sentido de sentir o mundo de outra forma, provavelmente mais elevada. Num ou noutro sentido, acabaríamos todos no reino Demopolis, ou seja, os ET's seriam apenas e tão-somente os animais domésticos, nomeadamente os cães e os gatos e dizia a tv que teríamos existido apenas por seu beneplácito...



# 31

De algum modo ensimesmado, procurava pela primeira vez sentir a vida a plenos pulmões, a pleno cérebro e pleno sentimento. A paixão por Nina tivera um interlúdio, não conseguira deixar de pensar nela todo o tempo em que estava lá em cima, em casa dos pais e embora, de regresso, ela esquivava-se aos meus avanços. Estava diante de uma mulher verdadeiramente especial: inteligente, viva, bonita, jeitosa e bastante atraente, tudo o que um homem precisa para ser feliz, seja numa ilha, seja numa aldeia ou numa grande cidade. A conclusão final dos meus pensamentos: há sempre alguém que sabe mais do que tu, mas pode haver quem saiba menos, essa é a vantagem de se manter sempre arrimado no cardume e bem lá no meio, ao menos aprecias a viagem e não tiras muitas conclusões que são óbvias e têm a ver com as agruras do caminho. O meu amor por Nina afastou-se, depois chegou-se perto quando ela se afastou de mim, enquanto Théo se apercebeu do meu desejo aflito e como não sabia fazer a coisa acabei perdido e só em casa, ainda fui dar uma volta à estação com esperança de encontrar um corpo, mas tudo o que vi foram jovens procurando qualquer coisa ou simplesmente falando, bebendo, dei uma ou duas larachas e acabei tendo falta do amigo Ricardo da agência de publicidade, ao mesmo tempo lembrei-me da minha velhota e da minha avó, de certa maneira do *Living Years*, dos Mike and th Mechanics, procurei uma ou outra referência mais elaborada e acabei numa brejeirice pegada, mas não sentia vergonha, tinha falta de escrever na terceira pessoa e via a literatura como uma forma de vida, de algum modo uma condição humana, no metro senti-me um pouco americano, mais do que americano, dizia o meu superego e tentações de ser Deus possuidor de meninas temporãs e vociferante ante a razoável injustiça a que me entregara, somos nós que fazemos o nosso destino, isto é uma carga ou descarga de consciência, mas há coisas no nosso destino que não controlamos, seja a forma como somos percepcionados, e lembrei-me da moça da pasteleira por debaixo da casa e do seu filho de doze, treze anos e lembrei-me do Rafa e da pequenita, não tinha de facto dinheiro para ir lá acima e desejei de facto ir a Nova Iorque para fazer passar cem anos em dois dias de modo a perceber o diferente efeito do tempo em mim, nos outros, em qualquer coisa que mexa,

ou não mexa, tanto faz. Mandei para a gráfica o tese de posdoc, não sei porquê, mas voltou arrumada graficamente e com uma capa algo simples mas agradável, tenho de dispendir duzentos euros por dez exemplares enquanto enviei as três novelas escritas depois das teses para uma outra gráfica para fazer alguns exemplares. Nada demais, coisas que me dão prazer, nem sempre a filosofia me dá, mas creio que toda ela radica na experiência, o mais alto desafio será a especulação no vazio, tarefa a que poucos filósofos se arremeteram. A minha vida estava americanada demais, por isso andava cansado demais e com índices psíquicos algo desordenados, mas alguma coisa progredia, Nina deu-me um contato que talvez pudesse avivar o meu interesse por uma faculdade onde sempre quis continuar os estudos e talvez até leccionar Filosofia.

Um dia destes, vou voltar a ser como era, embarcar de novo numa experiência estético-religiosa e passar por ingénuo, descobrir o prazer de falar e de reflectir num banco de jardim sobre coisas tão diversas como o trabalho ou a falta dele, extensivamente sobre as mulheres, bicho complicado que não dá o corpo sem pedir licença, ou que o dá pedindo recibo da entrega, da mercadoria, por assim dizer. Contento-me em ser um escritor português, alheio às matemáticas das emoções, alheio a gata que vai à rua e volta cheia de maca, de caca de macaco. Essencialmente, Lisboa é uma cidade, para mim, entre Moscovo e Nova Iorque, muito mais que Londres, muito mais que Paris, mas não adianta pressionar muito, é uma cidade-mesmo-assim, quero dizer, espontânea e racional ao mesmo tempo, como as pessoas que as habitam, como se fossem coimbrões cosmopolitas, como se o espírito português fosse mais ou menos uma forma de entender a Alteridade, o turista, o vilajeiro, a coisa que acontece, o cisco, o estalar dos dedos, a noite que se perturba em si mesmo e se abre para o rio que se estende langorosamente até ao mar, o Atlântico, o mar que perdura e se sustém subsumido pela Atlântida.

Em tudo isto e em tudo o mais que irei contar sentia que o meu reduto criativa era ainda a escrita, ainda que não tivesse, como na ciência e na filosofia, subvenções para tal, mas tudo bem, muitas e até a grande parte das notáveis obras da história da mente humana acabam por ser produzidas no estertor da angústia, do desespero, da solidão, mas também muitas acabam por ser produzidas no estertor da porcalhice sexual e da bebedeira, além das drogas de diversa ordem. A minha obra é muito mais arrumadinha e conceptual, ou seja, eu selecciono o que quero ver, o que quero dizer, o que quero analisar, nos termos de uma percepção fraccionada da realidade, de mim e da res extensa em forma de **natura naturans**. Afina, nesta, como talvez na outra vida, o mais importante são os pormenores, quando andamos todos tentando fazer síntese, sentido de uma coisa que não tem sentido, ou seja, a vida não tem em si sentido nenhum, terá talvez uma lógica interna que não cabe porém ao homem descortinar, será mais ou

menos da esfera do transcendente, em certa medida, ou seja, porque o homem no fundo é actor de um destino que lhe é alheio, pois quando tenta compreender a razão do seu agir intercomunicacional acaba por se perder e se planteia a partir daí o sortilégio do acaso, seja fino, refinado, sibilino, delicado, ou seja desajeitado e bruto. Depois, por fim, na esteira da noite, decidi que nunca mais escreveria, que me iria dedicar à agricultura biológica, porque me estava a actividade cansando bastante, decidi que esqueceria para sempre sonhos filosóficos, a teoria social, a poesia, pela qual tinha escrita alguma coisa de valor. Escreveria de hoje em diante guiões de cinema, talvez uma ou outra peça de teatro, o que calhasse, já que estava desprendido da sociedade, poderia fazer tudo o que me apetecesse. Mas não, estava integrando-me progressivamente de novo, por isso me estava a custar...

# 33

Não gosto de dizer mal do mau país, gosto de dizer mal de certas coisas, como por exemplo a ideia de que o mérito do escritor esteja intimamente relacionado com a sua imagem social, o que trai a raiz do que é a criatividade, seja em literatura, seja em ciência, seja em filosofia. Por outro lado, há um sem número de pessoas de fala de tudo e mais alguma coisa neste reino, como se tudo ou nada fosse possível, na verdade dizendo tudo sem fundamento científico algum, sem o mínimo esforço e talento, em termos de diarreia mental de café. Por outra, abundam os científicos, sob a forma de advogados e engenheiros e os cientistas sociais estão demasiado atreitos ao discurso acadêmico balofo e suas relações extra-nacionais. Por outro lado, creio poder dizer que a religião não é impeditiva da ciência, notadamente da ciência social, funciona antes como filtro da curiosidade científica, como bitola. Nas ciências naturais e médicas evita muitos problemas agravados com a ânsia do homem em possuir a totalidade do saber. Gostaria de dedicar-me exclusivamente à reflexão ou à escrita, mas como ninguém me ajuda tenho de me aguentar. Não consigo pensar, quanto mais escrever, procuro nestes dias uma forma de empreender qualquer coisa, tenho sempre a vontade de fazer qualquer coisa sozinho, embora não dê, em consequência, resultados visíveis. A companhia de Nina é absolutamente espectacular, é o que se chama uma mulher em condições, limpa, viva, ternurenta. Então, envolto em pensamentos que me faziam mais ou menos mal, lá tentei sair de casa e fazer alguma coisa útil naquele dia, tentando relativizar o modo como me sentia. Percebi que os meus pontos fracos eram precisamente os meus pontos fortes e que tinha bastante mais em comum com aqueles que me relacionava do que aquilo que pensava. Nisto tudo, percebi a familiaridade de Nina para comigo, tinha pena de não ter ainda dinheiro para discutir a tese, o que me levaria a um emprego certo e determinado, talvez vitalício. Ao mesmo tempo, sentia umas pontadas nas fontes e percebia que não podia forçar muito a situação, ou seja, talvez não fosse mais professor universitário... Até que tive uma ideia, relacionada com a necessidade imediata de fazer

dinheiro: dar formação através do meu CAP. Ando de um lado para o outro, enredado nos personagens mais ou menos fictícios da minha vida, da minha biografia, fumando um cigarrito aqui e outro ali, sempre pre-ocupado com ideias e sugestões várias, da realidade e das pessoas, a propósito do que tenho para pensar e escrever. Não sou da opinião de que o escritor deve delatar abertamente a sua vida, a sua existência, no papel em branco, ele não é uma tabula rasa ou, pior, um confessionalário. Quando ao mínimo sinal, nos apercebemos da felicidade, devemos como que recuar um pouco para a receber, se nos encimamos com soberba, ela não aparece diante nós e escapa-se-nos. São estes os momentos, os movimentos, de alguém que tenta ser feliz, com o que tem, com o que é. Comecei a ler *La Comexité Humaine*, de Edgar Morin. Estava assoberbado por aqueles dias de felicidade que, embora não tendo um verdadeiro emprego remunerado, faziam-me recuperar a tempos de sofrimento e dor, tempos anteriores de castigo e falta que me haviam projetado para um presente de certa maneira diferente do que aquele que vivia, pois o que vivia nada dizia respeito ao que poderia teoricamente viver. Naquele dia estava perfeitamente angustiado, fumava mais ou menos, estava num estado de ansiedade bastante pecaminoso para com o meu estado de espírito e com o meu corpo. O Tico telefonou para lhe ir ajudar a pôr umas janelas na sua casa, eu não tinha vontade alguma de ir ter com ele e embora lhe tenha dito ao telefone que ia mais dali a pouco, apeteceu-me ficar em casa zelando pela minha vida e o meu futuro e aguardando pela presença de Nina. No fundo, eu era uma espécie de etólogo, de moralista acerca do comportamento humano nas mais diversas situações, sim, em todo o caso procurava conhecer a natureza humana, as coisas mais ou menos humanas que nos rodeiam e envolvem. Mas com que objectivo, interrogava-me eu? Com que objectivo andava na casa, especificamente no corredor, de um lado para o outro, no Metro de um lado para o outro? Aparentemente, o objectivo não era nenhum, olhe, talvez fosse ganhar dinheiro e assim nunca mais conseguisse o meu objectivo.

# 34

Assim, tinha ficado por casa e sentia-me bem nela, depois de Nina ter chegado. É claro que sentia atracção por ela, mas não me atrevia a atirar-me a ela sem mais nem menos, nem sei mesmo se alguma coisa iria acontecer, mas eu desejava e estava carente, mas naquele dia não me sentia especialmente necessitado de sexo, aliás, aprendia a viver com ele ou a falta dele. Em diversos meios falavam de mim, sobretudo mal, no sentido do gozo. Na verdade, ou tinha poucos amigos, o que seria bastante bom nos tempos que ali corriam, ou não gostavam de mim, sendo uma espécie de pária ou ovelha negra da cidade. Na maior parte das vezes não dava a menor importância, mas outras ficava bastante chateado, mas procurava levar o meu trabalho mais a sério, as coisas que tinha, de um modo ou outro, de fazer. Contar a minha vida parecia não ter importância, mas era a única fonte de inspiração que eu tinha, temia o dia em que não pudesse mais escrever. Mas eu nem sequer estava escrevendo a história da minha vida, mas a dos outros reflectida em mim. Ou outra coisa que eu nem sequer desconfiava o que seria... Eu tinha estado perdido imenso tempo, usando sexo para me fazer maluco e criar maluquices de um lado para o outro relacionadas com uma falsa ideia de rebeldia que queria transmitir para conquistar mulher, mas naqueles dias tinha-me encontrado comigo mesmo, sentia o sentimento do que devia e podia fazer e mesmo que não o fizesse não havia mal de maior, tinha e ao mesmo tempo não tinha controle, uma nova consciência surgia anexada à minha mente pensativamente cansada. Talvez Nina tivesse a impressão de que seria gay, mas eu não jogava com essa hipótese, procurava não ter pressa, respeitar o seu espaço, o seu tempo, pois eu sabia que não era gay, embora me tivesse assumido em plena ponte sobre o Sena, talvez para descarregar o peso que me condoía desde pequeno...



# 35

A minha mente, mais ou menos fotográfica ou cinemática, olhara para as gotas de água do lava-loiça como quem olha para o resultado de uma ejaculação espalhado numa toalha ou no chão. Muitos não ligam a isso, continuam, outros encolhem-se e benzem-se, eu dou uma importância inspiracional relativa. É apenas uma descarga de tensão que evite muitos medicamentos, logo torturas. Lembro-me da minha mãe, lembro-me de mim e de Nina, da sua sagacidade e inteligência, da sua energia e divertimento. Lembro-me dessas coisas e da nuvem das coisas, do habitar entre mim e ti, na falta essencial de tempo para o tempo essencial, nomeadamente a escrita e lembro-me da fuga, a do desejo, ordenado e caótico. Tenho a empresa quase, então a nascer e alguma orientação necessária para chegar a Ti e tu, chegando a Ti chegas a mim, sem sombra de dúvida. De outro modo, há sempre quem diga mal, nestes tempos de pouco amor e muita cólera há muito quem aponte as falhas do sujeito que tenta e intenta, como se a maledicência e a mesquinhez fossem o prato que comem ao jantar, envolto em inveja e troça pura. Andando de um lado para o outro, entretido no meu pensamento, pensei em voltar a atacar, não tinha outra hipótese, não era um tipo trocista, mas também não era nenhum triste. Tinha já relutância em investir em Lisboa, mas, acordado para vida, procurava não ligar a garotos e prosseguir a minha vida. Teriam eles perdido a religião? Eu, na minha independência, ganhava e palmilhava terreno a olhos vistos, debaixo dos seus narizes. Entretanto, ousava sonhar por um tempo em que me dedicaria única e exclusivamente ao estudo e ensino da Filosofia, enquanto isso ria-me um pouco de mim mesmo e sobretudo dos outros, porque de certa maneira o que me importava da vida seriam as assacadas de compasso, ou seja, a felicidade propriamente dita. Resolvera o problema do espaço físico do Instituto IES através da adesão a um escritório virtual. Era um génio, discreto umas vezes, com tiques autoritários outras, mas era um génio, oxalá pudesse desenvolver a minha actividade e ganhar algum dinheiro, *au-delà* dos tiques miméticos. Era tempo de regressar a Riachos por uns dias, ou ficar, promovendo o meu empreendimento aqui e acolá, online ou presencialmente. Mas outros problemas não

consigo resolver, chego a Riachos e dá-me logo aquela impressão antropológica de que poderia estar muito, mas muito longe daqui, porém não perco o encantamento de chegar à aldeia do meu pai, mas dali a pouco, por mais que eu puxe, chega o desencantamento, ainda falo com a minha mãe uma coisa ou outra, mas como ela está cansada, logo vai para cima, nem vê a novela, coitada, lá cansada e mirradita a velhota, gosto tanto dela. O meu pai chega pouco depois de eu trazer para a Casa do Jardim o meu computador, criei um perfil de *coach* na web e pretendo fazer algum dinheiro, a pressão para trabalhar é enorme, mais do que nunca, talvez seja por uns meses apenas, mas sinto que a minha irmã está a dar o tilt, de tanto e tão absorvente trabalho que tem. Sempre a mesma coisa do dinheiro, chego até a pôr em causa a ida para Nova Iorque, ou a Nova Iorque devido ao sentimento de felicidade que vou tendo nestes dias, tanto lá, com Nina, como por cá, embora sinta solidão na noite, a partir de onde tento ser inspirado. Dali a pouco vejo o vizinho a ser assaltado, em plena noite caída, a luz permanece acesa e ninguém está lá...receio que venham aqui, por curiosidade, há por aí bicharada que não gosta de mim nem ao longe, tenho medo que façam mal à velhote, há por aí muita gente doida, mesmo na aldeia.

# 36

Não conheci ainda o êxito literário, nem era mor força que tal acontecesse, afinal não produzo pura obra literária, mas algo bem mais difícil de mastigar e ao mesmo tempo mais importante, ao nível de um Le-Clézio, de um Chatwin, sem as respectivas viagens, obviamente. Sinto, na solidão nocturna, que fui longe demais, como me disse há dias Nina, descobri tudo e no entanto talvez não tenha consciência do significado daquilo que está em causa, outros embandeirariam em arco facilmente, mas eu continuo a trabalhar, nem me canso nem tenho vontade de ir para a cama descansar o meu descanso merecido. Esta vida tem sido bastante cruel para mim, mas eu insisto, qualquer resultado há-de chegar, há-de porvir, ao menos terei tentando, terei estado ocupado. Fumei seis cigarros, comprei há poucas horas um 100's de Winston, de todas as marcas a mais barata na máquina do Café Jardim. Riachos é isto, uma espécie de Nova Iorque ocidental em ponto pequeno, todos se conhecem, ninguém se conhece, ninguém dá importância, ninguém se preocupa realmente, quando há um passar que passa de boca em boca. Acendo um cigarro, vou no sétimo, talvez no oitavo das últimas vinte e quatro horas. Sinto-me a envelhecer, seco, sem êxito literário, o que é bastante frustrante, daqui a pouco estou caído na cama a dormir que nem o burro sábio de Apuleio.



A esta altura, estou para tudo, mas estou sobretudo cansado e stressado, quem devia ajudar-me não o faz, como um Paulo Borges e em Carlos João Correia, o mais próximo que tive como orientadores de tese. Passou um anos, exactamente, há um ano terminava a tese, Portugal era campeão europeu e muitos chavalos com metade da minha idade discutiram tese, conseguiram grandes empregos como professores, de Filosofia ou Antropologia, de Sociologia ou Psicologia Social, de uma ou outra área que eu podia perfeitamente cobrir, enquanto eu pareço empenhado numa carreira de escritor quando tenho de fazer todo o marketing para mim mesmo e a minha obra. A este ponto, passei sem dúvida muitos escritores e filósofos de top da nossa praça, para não falar dos antropólogos e sociólogos e continuo a grassar, sempre sozinho na maior parte do tempo, até que isto dê o tilt, mas hoje estou especialmente preocupado em arranjar um trabalho, estou na minha quinta, na minha cidade, não me calha qualquer um mas aquele que mais me apetecer e pois vou fumar um cigarrinho tranquilo e pensar nos emails que vou enviar hoje, anda muita gente atrapalhada, afinal de contas têm também culpa na situação, porque à tv vão sempre os mesmos, isto é uma oligarquia de poder e interesses dos quintês, sempre o disse e, de uma maneira ou de outra, chegou a minha hora, a hora dos que estão comigo e nem sequer vou embandeirar em arco, mas ser perfeito, cada vez mais perfeito e exigente comigo mesmo. Nina disse-me que fora longe demais, de facto talvez me encontrasse numa zona mais adiante de ninguém, terra de ninguém, tivesse de uma maneira ou de outra, mal vontade ou aziago para falar às pessoas no que interessava e eu, ao fim de ter sido internado seis ou sete vezes, de ter sofrido como um cão, de ter feito uma tese de doutoramento e pós, ainda tenho de ouvir estas merdas e tolerar coisas daqui e dacolá, isto é preciso muita paciência nem o lugar de Reitor da Universidade de Lisboa me chegava. Foda-se.

Por fim, no estertor do desespero, ainda pensei a escrever para o António Pedro Mesquinhez, perguntando-lhe se era preciso falar com o Reitor ou com o Ministro da Educação para criar uma suscitação de candidatura, mas afinal de contas eu não pertencia ao clube deles, talvez a clube nenhum e ao mesmo tempo ao meu clube, o clube de toda a gente, pensei em esquecer a Faculdade de Letras e dedicar-me a outras empresas bem menos desgastantes em termos mentais e intelectuais -lembrava-me do Gonçalo, do M. Tavares- mais físicas, psíquicas e reconfortantes, afinal de contas, tanto trabalho para nada, estava ainda sem discutir a tese, com toda a ralação inerente, sem emprego, talvez tivesse o conforto de uma mulher e afinal tinha de pensar nisso, seria isso o mais importante afinal de contas e de certo modo a minha própria empresa, a minha própria universidade, o Instituto IES. Personagens? Tenho muitas, afinal sou como os outros, desejo porvir e a minha escrita é progressiva, também sabe ser redundante como muitos dos meus inimigos que vivem numa espécie de inveja primitiva dos outros, talvez tudo isto seja apenas o reflexo dos tempos e eu esteja a experimentar uma forma superior de mesquinhez e maledicência, geralmente quem nada faz é quem mais critica e de certo modo faz disso modo de vida.

Num momento, não tenho vontade alguma de contar o que quer que seja, tenho demais na minha vida, ando de um lado para o outro, não vou na Palumbar nem a Leirena, fico por Alcamen, bebendo um café pré-aquecido e pensando na intriga que tenho na cabeça, nas personagens que me enredam a mente durante mais de duas horas, depois, lembro-me da filosofia das coisas e da vida, das coisas da vida e acabo por perder uma e outra coisa, talvez ganhe um guião para cinema, talvez uma peça de teatro enquanto leio um pouco de Ésquilo. Momentaneamente, faço uma pesquisa sobre Schutz, Gehelen e Plessner, gostaria de filosofia, e ensinar filosofia, sem fazer mais nada, talvez seja esse o projecto da minha vida futura, mas entretanto tenho de ganhar dinheiro, para mim a filosofia é sobremaneira um luxo a que me entrego desalmadamente, talvez esteja fazendo filosofia analítica americana e não saiba disso notícia antes de mais para mim próprio. Os personagens não aparecem, a filosofia acaba por esvaír-se na contemplação pensativa de um écran de tv... Naquela noite, não quis saber, era troça demais, não, não estava a inventar, os meus livros não vendiam, todos ou quase todos queriam saber o que eu fazia, o que eu pensava, mas não se preocupavam comigo, estava farto de escrever só para o papel em branco, seja, o écran em branco, como se o meu monólogo fosse um conjunto de vozes dialogantes e ao mesmo tempo desordenadas, como se escrevesse pelos outros, para os outros, de modo que fechei o computador e fui-me deitar, era tempo de dar tempo a mim mesmo e ter, voluntariamente, uma branca, estava farto de me esforçar e ainda por cima com alguma genialidade, e de não ver resultados, estava cansado e então parei. Esta coisa dos sentimentos, entre uma aldeia e uma cidade, Nina não se sente atraída por mim, ou estará doente, não sei bem, Tomé optou por conhecer duas mulheres com o intento de lhes sacar afectividade e dar a sua, actuava ou pretensamente queria ser, um boi de cobrição, o que se diz na aldeia tradicional de Portugal, boi de cobrição, mas tinha medo de ser manipulado, entretanto a Faísca as coisas da aldeia passavam ao lado, enquanto outros viviam efectivamente essas coisas, de um lado para o outro, fumando no café,

podia ali ficar a vida inteira e seria decerto feliz, mas optou por apanhar o comboio ao fim da tarde que o levaria à grande e cosmopolita cidade de Lisboa, a sua aldeia, por assim, dizer, em termos conceptualmente filosóficos. Ferdinando caíra do telhado da casa de Vitorino e estava em coma há já alguns dias. As coisas aconteciam, era a vida social no seu esplendor, de que Faísca estava já habituado e em certa medida cansado, recolhia-se então um pouco em Si, em Si Mesmo ao mesmo tempo que nos outros e as radiações continuavam a fazer-se sentir, dentro da cabeça, para dentro da cabeça, outras vezes para fora da cabeça.

Entretanto, naquele dia deixei de ser eu, eu mesmo ou eu noutra, conheci diversas personagens, desde a mãe de filhos que tinha necessidade de usar o seu corpo até outrossim pre-ocupado em agradar a uma só mulher, mantendo todas as suas obsessões e criando como que uma espécie de doença do viver, preocupando em agradar a si mesmo e aos outros, entretido de um lado para o outro numa coisa que não levava a lado nenhum, quando falando dos outros falava de si mesmo, ou seja, a sua perspectiva ante os outros, para os outros, o grande Outro Olho que o vigiava que afinal era a sua consciência e ele precisava disso, de se sentir vigiado e protegido, como uma espécie de Deus para a intimidade, sendo que por vezes percebia que descobrindo tudo, sabendo tudo e experimentando tudo, num registo análogo ao de muitos outros, encontrar-se-ia só no final do caminho e mesmo que tal não fosse de todo mau, sentia-se só, na solidão de si mesmo e dos outros, sendo que, por fim, seria melhor viver ignoto no meio da ignorância, numa jogo de espelhos em pleno dia, porque isso ao mesmo tempo o protegia de uma certa forma de violência psíquica. Esta novela bem que podia chamar-se de Um Lado para o Outro, pois seria o que eu, enquanto personagem, fazia todo o tempo. Seria, por outro lado, um registo histórico e mais ou menos etnográfico, ético-filosófico, ético-sentimental, dos meus passos na felicidade, no reino da felicidade ou tão somente uma descrição da forma como encontrei a felicidade sem ir à América e como a encontraria, ou então a loucura dela mesma, indo lá e voltando, voltando a reescrever não só a minha história, mas outras histórias, as dos meus amigos, as dos meus lugares, a do que acontece e sobretudo daquilo que não acontece. Acontece que eu gostava de Nina, ela enfeitiçara os meus dias, mas havia qualquer coisa que não acontecia, sexo, por exemplo, e eu não estava disposto a esperar muito tempo, pelo que arranjei outras duas para me entreter. Era um homem feito, conseguia realizar alguma coisa, bastante mais do que alguma vez imaginara e era feliz em todos os sentidos, uma espécie de caçador, de urso pardo que cuida da sua prole com todo o carinho. Claro que me queria manter fiel a Nina, sobretudo porque ela vivia comigo, mas deixei de me interessar, para mais tinha de

aturar o filho dela e não estava muito disposto a ser mais uma espécie de espécie, uma espécie de psicólogo das massas. Conto tudo isto, mas muitos na minha condição teriam feito muito mais barulho, merda e confusão, para conseguir os seus intentos, os meus intentos, enquanto eu surpreendentemente, continuava calmo, a gerir uma situação, a gerir uma certa forma de ser feliz.

# 40

Podia dedicar algum do meu tempo a tentar dar a volta ao responsável pelo recrutamento de professores no departamento da minha área disciplinar mas depois lembrei que ele talvez fosse o meu maior inimigo, talvez tivesse invejo de eu ser antropólogo e lembrei-me intensivamente, após muita reflexão, que não estava para perder o meu tempo com empreendimentos desse género porque acabava sendo gozado de uma forma ou outra. Depois, lembrei-me que os tipos do ISCTE nunca mais me haviam dito nada, lembrei-me que continuava sem falar com um filósofo ou com um antropólogos há anos, a perder de vista, falava quando muito com o Danny, que era a esta altura, muito mais que um mero sociólogo...

Chego a pensar, enquanto cientista social e porque não como ficcionista, prosador ou pensador, que o grande problema da sociedade e de resto do homem ou de uma antropologia filosófica, é o emprego, ou seja, como foi já dito por Yáñez-Casal, tudo gira em torno da economia, e se compreendermos a questão da relação entre trabalho e libido, muitos problemas sociais e inclusive em termos de delinquência, cidadania e de resto segurança, se poderão resolver, ou seja, os políticos, alguns, acabam por não perceber as dinâmicas da sociedade e mesmo enquanto *entrepreneurs*, terminam por desempenhar a sua tarefa de modo deficiente, ou seja, muitos políticos não o são verdadeiramente, sendo meros oportunistas em causa própria e dos outros, dado que a tarefa política causa tantas perversões quantas a psicologia individual do desejo, ou seja, a própria libido. Não digo muito mais, muitos mais teorizaram sobre o assunto, mas creio que algures no estudo da dádiva, ou seja, da relação entre economia capitalista, assente no valor do dinheiro, e economia não rentável, ou seja, de subsistência, está a compreensão do fenómeno humano. Finalmente, percebi que, como muitos pais dos meus amigos, o meu era um tolo, ninguém tinha a coragem de o dizer acerca do seu país, mas eu tinha tomates para tudo e afinal ainda me sobrava tempo para ter amigos, pois não acreditava que a desconfiança face a ele me prejudicasse. Como não falava com ele

directamente, percebi que ele não ajudava em nada, fechando-se em copas, nem a mim nem aos meus irmãos, mas muito menos a mim, que vinha cá, me saturava por tudo e mais alguma coisa e nada acontecia, era frustrante, não havia nada de romântico nisso e por mais que uma pessoa alimentasse bons sentimentos, nada acontecia...nada, o tempo passava e...nada.

# 41

Entrou o Outono já há algum tempo. Deixei para trás Riachos, onde poderia ter ficado mais algum tempo. Regressei a Lisboa onde perdurei mais uma semana ou duas. O meu equilíbrio é instável, continuo lutando pelas minhas ideias e coisas sem que veja resultando que me alegre. Ando sempre com o problema do dinheiro para trás e para a frente, de um lado para o outro, ocupado, preocupado, procurando ser e parecer razoável. Passou um dia, perdi o fôlego que tive nesses últimos dias, as minhas ideias para continuar a plasmar algo de válido, resultado das minhas tentativas para compreender o mundo, acabaram por desembocar num beco sem saída, num grande ponto de interrogação. Depois de tanto que consegui, de tanto que estou conseguindo, apercebo-me que talvez não esteja nem sequer fazendo literatura, mas outra coisa bastante diversa, marcando os meus passos ao longo da estrada. Nesse dia era tal a tonteria que não conseguia ficar parado, pensava vagamente nos outros, personagens reais ou fictícias e outra uma coisa e outra. Poucas notas tomei no meu Caderno Azul e continuava a fazer esforços por encontrar mais uma ou outra história, mais uma ou outra ideia que me levasse a concluir que viver não era só um poço de sofrimento e agonia psíquica, que tudo podia ser diferente do que acontece, e diferente mesmo que acontecesse alguma coisa. Pensava na minha mãe, que tido ido fazer um exame a um hipotético câncer do pâncreas, eu estava em Lisboa e apetecia-me estar em Riachos, mesmo que estivessem aqui por casa, mesmo que o que me prendesse fosse a hipótese de amar, com ou sem Nina. Ela saiu depois de mim, quando regressei apenas estava o gato debaixo da cama. Dei-lhe comida, fiz a barba, fumei um cigarrinho, fui comprar um maço de Cooper's e ao Posto Médico buscar uma receita de medicamentos. Tenho vontade de sair de casa, vontade de sair, só ou acompanhado, mas deixo-me estar, a final isto é só a solidão a atravessar-me a alma. O meu pensamento virado para escrita é normalmente progressivo, ou seja, eu descrevo exatamente o que estou a pensar e adianto sempre alguma coisa, mas nestes dias tem sido demasiado circular, o que me entristece bastante e prejudica até a minha saúde psíquica e física, ou seja, ando de um

lado para o outro tentando anular esses movimentos circulares, concêntricos, da mente e fazendo vir outros à consciência, procedo então de modo mais ou menos progressivo anulando os anteriores e deixando entrar outros pensamentos na consciência. Por vezes pensava que no espaço que percorria, desde Riachos até à capital do país, era feliz, andando entre cidade e campo. Outras vezes, pensava que não o era, mas estava cheio de fazer força para que as coisas corressem bem, pouca gente me falava abertamente sobre coisas minhas e eu pensava em desistir de uma certa vida social que não me trazia nem contentamento nem serenidade.

# 42

Nesse fim de tarde, enviei um SMS a Nina, mas ela não respondeu. Subentendi que estaria zangada comigo, por eu aparecer em cuecas à frente dela ou por outros vários motivos, como fosse a forma com que falei com ela no dia anterior. Eu tinha-me feito a ela sexualmente e não me agradava uma companhia com quem não pudesse fazer amor, mas tudo bem, iria não procurar conflito, mas ela disseram-me duas ou três coisas bastante fortes e desagradáveis, mas mesmo assim eu estava disposto a acolhê-la, por isso lhe enviei a mensagem. Na realidade, estava desagradado pelo facto de seu filho ter dormido na sala sem me pedir autorização, não estava no apartamento, tudo bem, mas podia ter ligado, afinal, eu arrendei o quarto, não o apartamento. Nina parecia-me uma pessoa complexa e doente, drogava-se com alguma frequência, para além dos medicamentos que tomava. A uma atitude paternalista em relação a ambos, seguir-se-ia talvez uma atitude de alheamento...

Quando estamos sós ficamos pessimistas, a vida não nos tem graça nenhuma. Mas também quando estamos acompanhados há uma espécie de hipocrisia mútua que nos faz querer estar sós. Portanto, desde que nascemos começamos a morrer, de certa maneira, umas vezes abertos ao mundo outras refugiados em nós mesmos. Eu, por exemplo, vivo entre dois lugares, custou-me bastante a ser feliz nestas circunstâncias, tanto por desejar ir aos Estados Unidos (quão longe vai esse desejo!) como pela esperança de vir a encontrar alguém como a Nina dos primeiros dias. Eu gosto dele, fiz-me a ela, mas ela apenas uma vez me acariciou no rosto, é uma mulher difícil e complicava, tem qualidades bastante assinaláveis, mas não sei no que via dar...

Assim, pouco a pouco, Tiago Brente perdia os valores, não sabendo que em si eles se escondiam mais e mais ao ponto de permanecerem activos quando mais precisava, essencialmente na confusão sexual do seu pensamento. Qual seria, então, o sentido da vida, se se questionara tudo, se se pusera tudo em causa? A vida não fazia sentido, talvez por não conhecer ou ter conhecido o amor na sua justa e devida medida, talvez por ter dificultado as coisas, talvez por ter uma maneira de ser bastante peculiar, talvez

simplesmente devido a uma doença que o projectava para as margens da sociedade. Experimentava um cansaço extremo e mesmo depois de tudo o que fizera, teria de ir trabalhar, mesmo sabendo que estando quase acabado psiquicamente, teria de voltar com toda a força no próximo dia. Então, algum tempo depois, um banho de positividade na minha noite, Nina chegou finalmente e a razão é porque andou tratando de uns diversos assuntos, não estava com vontade para dormir, iria ficar o fim de semana por Lisboa, sim ou não, não sabia bem ao certo.

# 43

Depois, percebi uma coisa essencialmente bonita. Nina tinha o seu espaço, eu tinha o meu, pois, parece que estou a escrever de um futuro onde não estaria, nem agora nem nunca, como se esta novela fossem uma autobiografia, uma biografia, um livro de confissões. Percebi que tinha de usar toda a minha inteligência para alcançar cada vez mais felicidade e isso envolvia fundamentalmente ceder e avançar, a seu tempo, na sua media. Depois, coloquei o rádio na RFM, depois de ter ouvido um pouco de jazz, percebi que tinha de aprofundar dois temas essenciais e que eles seriam a fuga fácil das dificuldades conceptuais que havia encontrado até então. Tinha de estudar sociobiologia e etologia... Talvez o segredo da vida feliz seja, muitos não o sabendo, combinar uma perspectiva analítica com uma perspectiva activa, ou seja, experienciar coisas e coisas, tirar partido do mundo enquanto espectador activo, isso sempre o disse a antropologia social, e nesse sentido se alheou de um sentido face ao poder, enquanto outros o procuravam ocupar ou exercer a todo o custo. Depois pensei, talvez esteja preso num labirinto do qual não posso nunca sair, nem morto e certas pessoas estejam gozando com essa limitação espacial que, no fundo é apenas uma limitação física, económica, mas eu encontro bastante liberdade e felicidade nela e procuro não ver essa circunscrição espacial como uma fatalidade, quer se venha a repetir indefinidamente, quer venha a ser quebrada por um qualquer motivo que não consigo neste momento imaginar qual será. No dia seguinte, tive um golpe de consciência: é claro que não tinha uma vida social por aí além, nem andava fazendo coisas altamente lucrativas, durante quase três semanas enchi a cabeça de nada, de pensamentos inúteis que me prendiam de um lado para o outro, cheio de teias de aranha e um pequeno artigo sobre a abordagem à esquizofrenia sob o ponto de vista da antropologia filosófica despertou-me para um quase verdade de toda a minha vida: andava enredado com a culpa, a minha e a dos outros e isto tinha de certo modo a ver com o programa que vira sobre a homossexualidade, da qual uns tentam fugir, condenando e outros assumem claramente como se fosse uma coisa

natural, normal, que em minha opinião é e nem sequer tem a ver com os primeiros anos de socialização e convivência em família. Custa-me a dizer, mas é certo, a homossexualidade é qualquer coisa de social, tem a ver com papéis ou, no limite, com uma mera satisfação física, hábitos mentais, convivência com os outros. Enquanto uns fazem da vida qualquer coisa de extraordinário e tentam viver à custa desse esforço, outros tomam-na como algo de banal e isso tem de certo modo a ver com o esforço que se impregna nas coisas que fazemos, ou seja, quando estou enquadrado socialmente e sei o lugar que ocupo na minha sociedade, no meu contexto social, que vem do familiar, acabo por banalizar certos acontecimentos, por reconhecer certos fenómenos por secundários face à vida que levo. Mas o que é a felicidade, em síntese? Não será qualquer coisa de social, também? Não será a conjugação de um certo número de variáveis, de itens que concorrem a nosso favor em determinada situação? Devia escrever sobre isto e sobre a culpa também, que tem qualquer coisa de religioso, de respeitoso face ao outro, na manutenção de uma certa ordem social, pois o sexo é coisa que para uns se leva com cuidado extremo e para outros resulta numa forma de afirmação ante o grupo.

Então, como se não conseguisse quase nada, ainda que tivesse muito e tivesse inclusivé conquistado muito, decidi de lutar. Deixei de lutar, simplesmente, porque estava percebendo que não chegaria ali, com a culpa, os tiques ditatoriais, a protensão, e todos os seus problemas inerentes. É claro que precisava de uma pausa, o meu espírito não descansava há décadas, mas no meio da dor mental eu descobria força, porque estava, a partir de uma tese algo singular, a descobrir coisas novas e importantes em vários domínios, que tocavam obras de diversos autores, desde a psicologia, a psicanálise, até à literatura e ciência social, mas não queria embandeirar em algo e queria de algum modo proteger a minha rotina criativa, ainda que tivesse poucos meios económicos para ela subsistir. O plano filosófico atraía-me bastante, mas achava-o algo desnecessário face à urgência do social e eu sentia sempre esse medo "social" ao mesmo tempo que apelo social. Não era de todo um tarado, naquele ano, de plena produção, havia tido dois contactos sexuais e no anterior, altura da tese, também dois. Estava em vias de ter uma namorada, mas a coisa avançava fragilmente. De duas em duas semanas passava cerca de 15 minutos vendo algum porno e isso não me diminuía em nada, dias depois tudo passava e voltava ao normal, como que enchendo e esvaziando um balão, o balão do desejo, da culpa (?), da consciência. A minha vida social era reduzida enquanto outros só pensavam nisso, portanto seria legítimo dizer que estaria bem melhor de saúde do que muitos, ainda que notasse que nos últimos dois anos se fragilizara imenso. Mas, ao menos, eu tentara fazer alguma, tentara sair da minha zona de conforto mental e conseguira de facto alguma coisa, ainda que ainda não fosse académica ou socialmente reconhecido, mas a minha obra estava disponível online, eu trabalhava que nem um mouro, ainda por cima em Lisboa, a minha mente tinha grande actividade, eu produzia imenso, em termos de escrita, fundamentalmente. Sim, deixei de lutar, tinha de me ocupar na continuação da tese, na feitura desta obra, no estudo da Dádiva e mais alguns diversos tópicos, tinha muita obra para ler e resolvi, tal como Nina, dar descanso à televisão. A minha pretensa obra *Teoria da Sociedade* poderia simplesmente ser o texto da

tese e o texto seguinte, ou poderia, caso tivesse pejo e coragem para tal, passar a computador os Cadernos de várias cores rabiscados ao longo de mais de dez anos de observações e reflexões. Desisti, de ser o tal, aquele que fazia mexer as coisas, pois embora se lesse o que eu pensava, não tinha nenhum apoio para tal -apoio que poderia advir de um determinado reconhecimento, evidentemente. Mas, como tal não chegava, tendo eu tido uma tortuosa jornada até aqui e sem dúvida ninguém falar comigo nem contar comigo para coisa nenhuma, achei bem concentrar-me nas coisas mais importantes para mim e que mais gozo me davam. E sentia que havia, apesar de tudo, qualquer coisa de épico naquilo que eu fazia, nesse movimento epistemológico que desenhara desde 1997, quando decidira estudar oficialmente filosofia em Lisboa...Se tido isto não passaria de um auto-elogio sem conteúdo algum, uma espécie de defesa intelectual sobre o meu trabalho, não sei, mas que me ajudava sentir melhor e até útil, isso ajudava, porque essencialmente, para mim, com OCD ou não, com esquizofrenia ou não, a inspiração seria árduo trabalho na sua preparação e uma violenta descarga psíquica na sua feitura e realização...

# 45

*Au-delà* dos movimentos da minha consciência, altos e baixos na disposição do espírito, percebi que alguma gente estava fazendo de mim um brinquedo, por mais boa vontade que podia ter, não me tinham propriamente tratado bem em Lisboa e falo disto em termos gerais como em termos particulares, de certa gente que se aproveitava de mim para conseguir devidos intentos, que me sondava para saber a minha opinião, quando eu no fundo era apenas um reformado que fizera umas coisas, quero dizer, procuravam a minha opinião e observavam o meu comportamento e discurso para tirar inferências, para troçar, na rua ou nos media. Claro, era a crítica, mas geralmente u não verbalizava a minha opinião, eu não aprendera a fazê-lo mas, com altos e baixos, começava a perceber do jogo social das coisas e pessoas e nada me podia tirar as noites que planeava de estudo naquela sala, naquele canto onde estava quietinho que nem um rato sonhando com as minhas coisas e as do mundo. A felicidade, então, não tem qualquer coisa de transcendente, mas de metafísico, é uma exploração, uma forma de surpreender o Ego em lugares e espaços disformes, onde o espírito se funde com a realidade, onde andamos de um lado para o outro sem a sentir e chegamos ao fim do dia, depois de um dia de rotina, onde acabamos rendidos ao sentimento da casa, enfim, uma zona de maior ou menor conforto, dependendo das estâncias da alma, ou seja, ela está (à nossa espera), entre a casa e a rua, no sentirmo-nos em casa na rua e na rua em casa e tem qualquer coisa de físico, de catarse, de eliminação do medo de existir, ou seja, a felicidade está também não apenas nos bons pensamentos, no bom pensar, racional ou afectivamente, mas algures numa friesta entre os pensamentos incómodos e os mais confortáveis, mais reconfortantes, como se o espírito, acompanhado do corpo, se esgueirasse por entre essas lacunas, no afã de compreender, de se compreender, levando corpo e espírito. Por isso eu não acredito na alma nem na mente, para mim o homem é essencialmente um espírito, lembremos a expressão "o espírito da coisa", sendo o corpo essencialmente um invólucro que faz cumprir, limita a, neste mundo, as proposições "espirituais". De outro modo, as coisas não saíam bem, pelo que tentai forçar um

pouquinho a consciência neste meu caminho quase que espiritual, antes de me postar em frente à televisão vendo futebol. Sei bem que entrando no mundo da filosofia, viciava-me naquilo, tenho o hábito de anos de me viciar em ideias, algumas coisas, algumas pessoas e espero que tal não interfira na minha escrita, fui de certa maneira fadado para ser um escritor pouco conhecido, que sobrevive à custa de muito sacrifício e desdém por parte dos outros, talvez porque aborde o desejo de uma certa e determinada maneira, mais "americana" que os demais conterrâneos. Se desejamos realmente as coisas, conseguimos, é uma questão de tempo, ou não é uma questão de tempo. Ainda assim, com tropeções vários ou não, estava longe de atingir a minha mais bela forma enquanto escritor, procurando esforçar-me em todos os sentidos, mas não seria bem essa questão para chegar ao zénite. Ainda assim, procuro uma definição de vida, ou seja, identificá-la. Nina coloca um livro de poesia de minha autoria sobre o caixote do lixo, há sempre coisas que vale a pena ler nos melhores momentos, sinto-me bem neste cantinho onde espero passar mais uns tempos, com Nina, evidentemente ou com outra, logo se vê, ela é extraordinariamente inteligente, ainda não lhe consegui chegar, mas está em grande sintonia comigo, depois de uma fase de deslumbramento e outra de algum trabalho no meio de alguma confusão, as coisas estão começando a endireitar-se. Os pingos do chuveiro fazem-me lembrar o relógio de sala do meu avô paterno, o mesmo relógio que encontrei na estação de comboios de Coimbra.

E esta ali, no meu universo arbitrário, com pena de não me ter dedicado à poesia, com pena de não ter sabido amar mais e melhor, mas essencialmente havia certamente chegado a alguma lugar, um lugar útil e luminoso na minha alma, com a consciência da constatação de que a vida pode ser brilhante e até ofuscante se a ela nos dedicarmos com afecto e dedicação, mas não é mor nem mister que tal aconteça, ou seja, não acredito que o destino do Homem nesta vida seja ser feliz, isto é, ele não é feliz por dá-cá-aquela-palha mas também não se trata de uma conquista darwiniana, do mais esperto, do mais forte, do mais capaz que combina as duas coisas. Há qualquer coisa nesta vida além da felicidade cantada pelos poetas gregos e romanos, por alguns dos românticos do século dezoito e dezanove. Nisto ando a trabalhar desde há alguns meses...

Devia ter saído. Saí, de facto, fui às compras, mas nada mais, jurei a mim próprio dar um passeio de diletante pelo metro até ao oriente, mas a jura foi abaixo. Ponho uma cadeira no topo do sofá freudiano que tenho na sala, pensando que se pode estar confortavelmente naquele canto quente servido por um esquentador eléctrico que está junto à janela, de noite ou de dia, pelo que só preciso de um candeeiro de pé para arranjar mais uma zona confortável na casa. Nem acredito que estou em Lisboa, por vezes, e sinto-me bem com isso. Nina não vem dormir cá hoje, fico com o Ziggy, o gatinho que está sempre contemplativo ronronando debaixo da cama dela. Na cozinha, também há um cantinho interessante junto à janela, Nina trouxe duas cadeiras tipo de praia, ficam bem, é só virá-las para comer na mesa. A luz, neste momento, está a meia haste, por assim dizer, dando um aspecto reconfortante à própria cozinha. Oiço VH1 e daqui a pouco ouvirei M80, ou RFM, ainda não sei, ou talvez Brava ou Mezzo, ou mesmo um CD à escolha de entre os meus.

Ao fim de tanto tempo de pensamento, olho para mim e penso essencialmente para comigo próprio, como Marco Aurélio, "penso para comigo mesmo" e vejo o mundo à luz do meu pensamento, vejo as palavras como auxiliares na jornada de uma vida onde por ilusão encontrei o amor e estou em diálogo com os meus botões, quando a sociedade te pede cada vez mais "não tenhas vida própria, não penses por ti mesmo", porque aí está o segredo, estar pensando e resolvendo os problemas pensando, nada mais. Nina, enquanto isso, ficou fora, talvez se tenha espantado por alguma coisa que fiz, ou que não fiz, mas aqui, como nos vizinhos, não há volta a dar, não tenho uma pessoa pela qual possa cumprir o desejo, é natural que procure outras formas de satisfação, nem sequer me importa que me censurem, estamos numa cidade, vou ficar mais algum tempo, se fosse na aldeia seria a mesma coisa, ou não falaríamos e falariam do assunto até mais não, até à exaustão e ao gozo, extático ou não, tal como fazem por aqui, mas eu não aguentava mais a tensão e senti um prazer forte e indescritivelmente agradável, como se estivesse com a mulher dos meus sonhos, que importa se fui abaixo no dia seguinte, pelo menos não ando sobrecarregado e tenso, dá-me conta que nisto sou um autor único, enquanto há outros melhores, mas também outros piores, deixa andar a carruagem e logo se vê como e onde chega que o aspecto que tem e a carga que leva. Por outro lado, penso no que sou, na casa em Riachos e no fazer muito, também no nada fazer, no procrastinar, no estar perto da mãe e do pai, andar por ali, de um lado para o outro, fazendo umas coisas e penso no ir amanhã, no ir hoje, não penso no ir nunca, penso neste labirinto constituído por um lugar longe e meia dúzia de lugares perto, ao mesmo tempo na minha cabeça e fora de mim. Assim, Tobias, um rapaz que encontrei num quiosque da Avenida da Liberdade, pensou que eu seria psicólogo, ou até psiquiatra e comecei vagamente a falar com ele, que me dizia que as suas obsessões tinham a ver essencialmente com a limpeza do corpo, da roupa, eventualmente da casa de banho, sem que isso significasse intensa actividade sexual e/ou laboral. A sua experiência era parecida com a minha, só que quando pensamos que só nós é que temos problemas, o

caso está muito mal parado. Na verdade, este jovem gastava muitas das suas energias e o seu quadro tinha claramente a ver com a imagem que julgava ter projectada socialmente sobre e a partir dele, ou seja, a energia psíquica que dele emanava era objecto de controle pela sua própria mente ao ponto de chegar à cama completamente exausto depois de cada dia. Por isso também não conseguia manter um emprego certo. Depois, pensei, um tipo como eu, com um problema de OCD, que é eventualmente de origem genética, vem encontrar em Lisboa um meio relativamente fácil de adaptação, não tem necessidade de provar nada a ninguém, de ser mais e mais limpo, quanto à zona anal, há quem não pense nem se preocupe com isso, outros preocupam-se também, talvez em demasia, por questão de receio de doenças do género, digo eu, nesse aspecto houve um tempo em que não me preocupava de todo, outro tempo em que me preocupava em excesso, mas nestes dias ando atarefado como as minhas coisas sociais, ainda que não tenha uma vida sexual e social resolvida, mas quem pede isso, um tipo como eu, que vem de um convento e de um seminário, que cursa antropologia social, que começa oficialmente a estudar filosofia até hoje e que se emprenha da continuação dos seus estudos e da vida social, conquistou bastante, em termos subjectivos e objetivos. Há muito gente que não trabalha, eu continuo à procura de trabalho enquanto já dei a volta por cima há muito tempo, ou seja, pela componente mental e intelectual, pelos escritos, abundantes, pelas teses, na verdade não tenho dinheiro para prosseguir os meus estudos, mas não tenho necessidade disso. Um tipo como eu, que ainda procura ir à América, mostrar o seu trabalho, a Inglaterra, para dar aulas, um tipo como eu, sozinho a maior parte do tempo, sem ajudas, digo, tem um mérito do caraças, por mais que esteja em baixo em certos dias.

Depois, olhando pela janela, vi o vizinho de casaco de cabedal pendurando mais de meia dúzia de pares de cuecas e reparei que eram todas pretas, juntamente com as meias. O que (me) quer isto dizer? Há pessoas com problemas piores que o meu, e se ele não tinha nenhum problema (com as cuecas), se fora normal (o que é ser-se normal?), eu não tinha problema nenhum, pois as minhas cuecas eram das mais diversas cores. Depois, desisti de culpar os psis pelos meus problemas e assim seja não muitos problemas tinha, teria apenas dificuldade em "arrancar" para o dia. Nesse dia, continuei a responder ofertas de emprego, enquanto a minha irmã dizia que eu nem para trabalhar tinha jeito. Boa ajuda, de quem me enterrou no sentido de pôr abaixo sempre que falava com ela. Pôs-me bem abaixo e, na verdade, nem o pai me ajudou, só a minha mãe fora de uma espécie de ajuda bem especial. Mas já vão longe esses tempos.

Aqui ou ali, uma vontade de sobreviver, mesmo que não haja vontade de viver, por mais que o espírito se procure acondicionar no tempo e no espaço relativos, dizendo "olá", "aqui estou" e umas certas coisas para ficar, sobreviver do lado de cá, enquanto põe em cheque o lado de lá, daí. De uma maneira ou de outra, questionando a forma e o conteúdo do que escreve, estou dizendo banalidades, coisas que não sinto, essencialmente o que há mais, patenteado nos media e em diversos autores, é uma verborreia sem fim, embora claro, haja excepções de digna nota e recorte. Tobias andava então de uma lado para o outro na sala, cansado mentalmente, sem vontade de insistir no que lhe acontecia ao espírito, sem vontade de insistir na procura de trabalho, seja porque lhe faltavam as forças seja porque ninguém o ajudava e ainda assim ela era um tipo do tipo paciente, sabia esperar, mas Nina não lhe dizia nada, provavelmente estaria ainda a dormir, naquele dia em que se fazia sentir um pouco mais de frio e ainda que a chuva não caísse um pouco mais, sendo necessária para repôr os níveis de água, parece que tal afectava as pessoas na sua maldade, na vontade de dizer mal deste e daquele, de um ou de outro, só por dizer, só por escárnio, é assim com quase toda a gente, quando não conseguimos as coisas ou talvez nem sequer as desejemos, o outro tem sempre a

culpa, mas Tobias não era assim, para ele era de cavar sempre alguma coisa no seu espírito e sendo um bom espírito, conseguia sempre dar a volta da melhor maneira, até para aqueles que o criticavam. Mas, afinal, no meios disto tudo, quem seria aquela mulher que eu acolhera em minha casa e a quem me atirara de um modo não ofensivo e que recusara estar comigo, dormir comigo? Quem era Nina, afinal? Uma tradutora, pensava eu nas mais altas esferas do meu pensamento, outros escritores tinham muito mais para dizer que eu, viajavam infinitamente mais, muitos filósofos teriam muito mais para dizer do que eu, refletiam mais, falavam mais com outras pessoas, mas afinal o que se passava naquela casa, entre momentos de felicidade, boa disposição e outros de alarido e má feitoria? O que se passava comigo? O que se passava com os outros, que de um momento para o outro me criticavam e era dramaticamente agressivos para comigo? De certa maneira eu não tinha o meu discurso "colocado", como o barítono tem a voz colocada naquele nível de extroversão do som do corpo...continuava entretido a produzir alguma coisa, entretido comigo mesmo e com os outros, os outros em mim, ainda sem grande reflexo manifesto face a eles. De certo modo, muitas pessoas, nesta cidade, não toleravam um desaforo, um desafio, era cientes, bastante cientes do seu terreno conquistado, de um saber conquistado, e eu de algum modo, fora contra esses interesses...mas não era oportunista, não me interessava o poder, porque sei que, como todos, o iria exercer mal, e bastava-me ser um criativo, tinha bastante mais gozo com isso. Por outro lado, eu estava como que precisando de uma intervenção profunda, estava, de uma maneira ou de outra, repetindo padrões de comportamento que desenvolvera na casa anterior, sim, eu era o examinado comigo mesmo quando a maior parte dos meus contemporâneos se preocupavam apenas com os outros, vazios que estavam de si e eu percebia que não podia abarcar tudo, estava muito bem em diversos registos, mas não podia ir mais além, não quer dizer que estivesse limitado, mas eis duas maneiras de viver as coisas, o Ego, os Outros, o Mundo.

Quanto à realidade das coisas. Ainda tinha uma réstia de esperança em visitar Nova Iorque, uma réstia de esperança em dar aulas em Durham, mas estava sobremaneira cansado mentalmente, o meu esforço ia já no quarto livro depois das teses... Na minha posição, tendo feito o que eu fiz, tendo-me acontecido o que me aconteceu, seria absolutamente fácil desistir, começar a escrever prosa poética e romances ou novelas a torto e a direito, vivia numa sociedade que não me pedia que fosse um génio da literatura, não tenho precedentes na família, apenas o meu avô paterno tinha uns tiques poetico-etno-literários, mas eu podia facilmente escrever diversas intrigas ou ser um etnógrafo pretensioso, inventando tudo e mais alguma coisa com imensa lata, mas não, gosto de viver, não embarco facilmente em aventuras, gosto de pisar o chão sobre o qual vou andando, dia após dia, sem grandes sobressaltos, pois percebo que, pelo que já vi, neste mundo, tudo é possível e as coisas são um pouco como acontece com o Ronaldo, quando se está longo tempo sem marcar, lá vem um dia, como o ketchup, em que vem tudo de uma vez. Por isso continuo a trabalhar, um emprego por conta de outrem faz sentido, mas pouco, um emprego por conta própria também, mas mais sentido. O desemprego não faz sentido algum, ainda que possa em todo o lado dizer que sou escritor. Ora, o que é que temos aqui? Temos um jovem, de nome Josué, que vem para Lisboa estudar, para a grande cidade, que tem luzes de uma cidade maior, a cidade das luzes e do amor, que afinal de contas terá ou, por outro lado, não terá encontrado o amor por cá, pois é daqui que escrevo. Debate-se com a relação entre marxismo e religião, entre Bem e Mal, encontra diversas pessoas, umas que ajudam, colaboram, empatizam, outras que tentam pô-lo abaixo durante anos e anos, quer seja nos media quer seja na vida social real. Pois, em certo sentido, não conseguiram os seus intentos, este jovem, agora um homem na sua meia-idade, continua vivo, não terá trabalhado muito, como o encaram a maioria das pessoas, mas trabalhou nas ciências sociais e na filosofia, na literatura, pelo que tem um certo ressentimento para com as pessoas, como se andasse à caça dos seus inimigos, enfim, são as críticas, podiam não importar, não

significar coisa nenhum, não fazerem qualquer abalo. Mas por vezes dói, porque em certo sentido, em certas pessoas, não há sentido algum de comunidade, tudo se deixa derivando num sortilégio do acaso, afinal, não têm que fazer com a sua vida, não estarão atentos à sua contingência, nada os assusta até que têm um pifo e desaparecem no cenário do real social...Depois, continuamos a insistir em criar jovens ora frustrados ora obcecados com o sucesso. Essa força e pulsão, própria do capitalismo e das sociedades de mercado, tende a criar uma concepção da vida como um negócio e os jovens não se sentem realizados em suceder sem limites, sem queimar etapas na sua biografia sem vendo a coisa da Vida, a vida neles e além deles, na realidade social, sem um sentido de fruição que os faça verdadeiramente felizes. È a ideia de que a felicidade custa muito e quando lá se chega não é verdadeira felicidade, esta concepção tem muito de americano, muito de quem passou muito mal mas, mal ou bem, é qualquer coisa que se deve combater. Mas, enfim, a natureza humana é mesmo assim, só se sacia ante o prestígio social e a satisfação dos seus instintos, entre os quais a avareza e inpudivícia.

# 50

Assim, perdi a vontade de desperdiçar as minhas ideias e os meus esforços. Tomei algumas notas à mão para actualizar os afazeres, procurava andar entretido e fazer as minhas tarefas de modo menos pressurizado. Tinha um centro de explicações online para fazer, gerir, para dar lucro, talvez devesse delegar essa tarefa numa outra pessoa, mas não sabia bem qual, de repente a ideia abandonou o meu espírito, naturalmente, como se não precisasse disso para nada, mas iria ainda pensar melhor se me poria como explicador em dois sites, dando apenas explicações, se me poria na feitura de um site próprio, com ou sem ajuda. O Benfica jogava e perdia um zero com o CSKA, estávamos no intervalo, eu ganhava alento para o Instituto, quando procurava obter apoio financeiro da Câmara Municipal de Lisboa. Havia fumado apenas seis cigarros, as críticas não me diziam nada, era bastante criticado mas também reconhecido pelos meus esforços, empenho e talento. Fui ao quarto de Nina e trouxe os livros de minha autoria que lhe havia dado, depois pensei que o meu *Pensarilho* sobre a tampa do caixote de lixo, junto à sanita, queria esconder algum desprezo em relação a mim, eu não fazia o mesmo e tinha problemas semelhantes, ou seja, não levava livros ou revistas para a cagadeira, nem sequer era tropa, simples ou de elite. Em certo sentido, a nossa sociedade estava aflita e tudo valia... Tinha vontade de sair, era noite, mas agora não o iria fazer, aguardava por Nina e parecia-me que ela não viria hoje... Defendo que a felicidade, pois é disso que se trata, está essencialmente no espírito, não apenas no ciclo de satisfação dos sentidos, quando isso acontece é apenas a cereja no topo do bolo. Defendo que em nós há sempre uma luta entre Bem e Mal, entre o que se deve fazer, o que se pode fazer e o que se quer fazer. A tristeza e a melancolia são naturais à condição humana, mas eu não sou nenhum pregador, apenas um homem, com história, evidentemente, que procura fazer sentido, tentando evitar as dores de cabeça de fazer filosofia demasiado só, cansado de ser genialmente só e sem reconhecimento, mas tudo bem, creio ainda que a tristeza é inerente não só ao ser humano, como também à própria felicidade, evitando os sadismos, ou seja, só há alegria e boa disposição porque há o contrário. O que é então a

felicidade? Estar ocupado distraidamente do mundo num certo espaço de tempo, num certo lugar, pois o ser humano tende a associar sempre a felicidade, os bons momentos, a um lugar, a vários lugares ancorados na sua memória passada. Depois, a felicidade é uma protensão para o futuro, a viabilidade de planos relativamente coerentes para o futuro, sendo mesmo megalómenos.



# 51

Naqueles dias, eu estava bebendo imenso, passava grande parte do dia cansado, bebia tipo seis, sete cafés por dia, mas fumava pouco, uma maço chegava-me para dois dias. Não, engano-me, não bebia imenso, bebia alguma coisa e isso era de certo modo contra a indicação médica, pois estava tomando Olanzapina e Lítio, mas parecia-me dar bem naqueles dias, comigo mesmo e com Nina, tivéramos um pequeno desaguizado, mas falando com Tobias, acabámos por voltar ao normal. Ela saíra nessa tarde em que começara efectivamente o Inverno, pois chovia bastante a meio da tarde. Não me apetecia sair, de certo modo tinha de o fazer, mas a pulsão para levar para a frente o Instituto era maior do que eu, de modo que nesse dia não estava particularmente inspirado, ainda que tivesse os meus momentos poéticos, procurava organizar as coisas, pedir algum dinheiro, financiamento que já tardava, organizar o desktop do computador, organizar os textos em PDF por pastas de autores e temas, organizar os meus originais e pôr alguns deles mais disponíveis online. De uma maneira ou de outra, eu estava morrendo, pouco importa, pouco importa que vivesse mais dois ou quatro anos que o previsto, que o momento certo, final. De algum modo, o meu comportamento e pensamento havia contribuído para o envelhecimento e tristeza dos meus pais. Ou não, ou estava dando-lhes vida. Sozinho não teria chegado tão longe, mas também não é mister que o fosse, talvez a felicidade não seja ir longe, mas ficar onde se está. De outra maneira, também os outros eram culpados pelo meu sofrimento, muitos que encontrei pelo caminho, menos generosos e armados de vistas curtas. Mas isso não importa, aguentei até aqui e vou continuar, espero que por algum tempo ainda, entretido nas minhas coisas e loisas. Claro. que já não iria chegar à genialidade de um Borges, que teria escrito perto de cem livros, mas estando onde estive e como estive, talvez pudesse lá chegar um dia, se vivesse mais pelos menos dez anos ou no máximo vinte, a filosofia ajudava a preservar a minha vida, como se não acreditasse numa outra, segunda, terceira e por aí em diante. O meu pensamento eram essencialmente palavras e só me restava encontrar um emprego das nove às cinco e, regressando cansado a casa, cumprimentar Nina, ou outra que aparecesse e alimentar calmamente, serenamente, sem grandes ondas,

os meus hóbis, os meus pequenos prazeres, atentando com a possibilidade de acarinhar a ideia e prática do Instituto e de uma possível vaga em Filosofia, provavelmente na Faculdade de Letras. Eram esses os meus sonhos, não me sentia especial por isso nem nada em especial devido a isso.

Não estou fascinado com Nina, mas creio que estou apaixonado. Ela não está comigo num tempo simultâneo, mas apanha-me um minuto ou dois depois, ou seja, em apanho-a antes que ela chegue a mim. (A continuação está no antigo Tsunami). Estava para chegar, por motivos essencialmente arbitrários, às 180 páginas, tal como fizera com os anteriores livros. Mas fico por aqui. Nina viveu comigo efectivamente durante três ou quatro semanas. A mim, que alguns imitam, que alguns dizem ser uma espécie de Dom Sebastião, deixam-me sempre sozinho. “Sem contacto físico, dizia ela”. E eu estou ainda preocupado com um lugar numa universidade? É fácil ter a admiração da academia e dos alunos, assim é fácil trabalhar, produzir teoria, prática, seja o que for. Percebi, finalmente, ao fim de todo este tempo que, com muitos defeitos, estive essencialmente preocupado com os outros, enquanto faziam troça nesse teatro da vida social. Ela disse-me para não desistir, mas percebi que não havia prémio nenhum, que isso podia significar a minha morte, pior, a da minha família. Triste país que exige de uma família tal sacrifício para poder ver com clarividência. Ter-se-á Saramago enganado no “Ensaio sobre a Cegueira?”